

Tudo nela é de se amar:

**uma proposta de construção da identidade de meninas negras
nos anos iniciais do ensino fundamental**



Caderno de atividades

**Luene Cristina Santos de Almeida
Rogério da Costa Neves**

1ª edição



Rio de Janeiro, 2020

TUDO NELA É DE SE AMAR:

uma proposta de construção da identidade de meninas negras
nos anos iniciais do ensino fundamental

Luene Cristina Santos de Almeida

Rogério da Costa Neves

TUDO NELA É DE SE AMAR:

uma proposta de construção da identidade de meninas negras
nos anos iniciais do ensino fundamental

Caderno de atividades

1ª edição



Rio de Janeiro 2020

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A447 Almeida, Luene Cristina Santos de
Tudo nela é de se amar: uma proposta de construção da identidade de meninas negras nos anos iniciais do ensino fundamental: caderno de atividades / Luene Cristina Santos de Almeida, Rogério da Costa Neves. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2020.

87 p.

Bibliografia: p. 86-87.

ISBN: 978-65-5930-078-5

1 Anos iniciais do ensino fundamental – Estudo e ensino. 2. Identidade racial. 3. Prática Docente. I. Neves, Rogério da Costa. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves. CRB-7: 5692.

RESUMO

Este caderno pedagógico compreende o produto educacional do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica. Foi criado a partir da análise dos dados obtidos durante a pesquisa de campo realizada em uma escola da rede municipal de Duque de Caxias-RJ. Tem como objetivo contribuir com a prática docente no sentido de, trazer reflexões acerca do processo de construção da identidade da mulher negra, assim como, oportunizar o acesso a materiais que favoreçam a construção e a valorização da identidade de meninas negras os anos iniciais do Ensino Fundamental. Está dividido em 4 unidades, cada uma delas, propondo uma discussão e o desenvolvimento de atividades que incidem sobre elementos e características que impactam na construção da identidade da mulher negra. A primeira unidade traz uma reflexão acerca do universo das princesas e da ausência de representatividade de meninas negras nesse espaço, com propostas de atividades que resgatam a existência e o protagonismo de princesas negras. A unidade 2 traz como proposta a ressignificação do cabelo crespo, a partir de atividades que valorizam e promovem a desconstrução de estereótipos em torno deste tipo de cabelo. Na unidade 3, pensando no preconceito destinado a meninas negras de pele mais retinta, o caderno propõe uma discussão sobre os diferentes tons de pele negra, com propostas de atividades que possibilitem a valorização da identidade de meninas negras de diferentes tons de pele. Por fim, a unidade 4 tem como proposta resgatar as narrativas de algumas de mulheres que foram apagadas da História, ou tiveram suas vozes silenciadas. As atividades sugeridas na unidade têm como objetivo valorizar a história de luta e resistência dessas mulheres e ao mesmo tempo garantir representatividade à meninas negras. Para tecer as reflexões em torno dos assuntos abordados neste material contamos com estudos e escritos de autoras como: Rocha (2009), Santos (2013), Berth (2019), Gomes (2003), Santana (2018), Carneiro (2011), Collins (2019), entres outras.

Palavras-chave: Identidade de meninas negras; Educação antirracista.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. 1: Figura de princesa	14
Figura 1. 2: Capa do livro princesa “Alafiá”	15
Figura 1. 3: Princesa Akosua Busia.....	20
Figura 1. 4: Princesa Sarah Culberson	20
Figura 1. 5: Princesa Keisha Omilana	21
Figura 1. 6: Princesa Elizabeth Bagaaya de Toro.....	21
Figura 1. 7: Mapa do Continente Africano.....	22
Figura 1. 8: Branca de neve negra	24
Figura 1. 9: Tiana	24
Figura 1. 10: Elsa negra.....	24
Figura 1. 11: Bela negra	24
Figura 1. 12: Rapunzel negra.....	25
Figura 1. 13: Mc. Soffia	27
Figura 2. 1: Bilhete de escola para os pais	30
Figura 2. 2: Capa do livro "Que cabelo é esse, Bela?"	31
Figura 2. 3: Foto Simone Mota.....	32
Figura 2. 4: Atividade com imagens de meninas e mulheres negras com cabelos crespos.....	33
Figura 2. 5: Atividade com imagens de personagem negra da Turma da Mônica	34
Figura 2. 6: Atividade com ilustração Brilha Bela	35
Figura 2. 7: Capa do livro Meu crespo é de rainha da bell hooks	36
Figura 2. 8: : Foto de bell hooks.....	36
Figura 2. 9: Foto Mc Elis.....	41
Figura 2. 10: Foto de vídeo de empoderamento de crianças	45
Figura 3. 1: Atividade sobre cor de pele.....	50
Figura 3. 2: Atividade pintar pele.....	51
Figura 3. 3: Capa do livro “A cor de Coraline.....	52
Figura 3. 4: Atividade com foto de mulheres negras famosas - Beyonce, Isa, Taís Araújo, Lupita e Marta.	53
Figura 3. 5: Atividade de colagem	55
Figura 3. 6: Capa livro “Amoras”.....	56
Figura 4. 1: Figura de Dandara.....	64
Figura 4. 2: Foto de Jarid Arraes	70
Figura 4. 3: Carolina Maria de Jesus	72
Figura 4. 4: Desenho de Carolina M ^a de Jesus	74
Figura 4. 5: Carolina M ^a de Jesus	75
Figura 4. 6: Foto de Marielle Franco	78
Figura 4. 7: Jardim Marielle Franco	79
Figura 4. 8: Foto livro Mari	80
Figura 4. 9: Maíra dos Santos Oliveira.....	80

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
UNIDADE 1: Enegrecendo as princesas: a mulher negra no universo das princesas infantis.....	12
Proposta 1: Era uma vez uma ‘princesa... negra’	14
Proposta 2: Além dos contos de fadas.....	18
UNIDADE 2: Ruim é seu racismo: uma proposta de valorização do cabelo crespo	28
Proposta 1: Que cabelo lindo é esse?	31
Proposta 2: “Meu crespo é de rainha!”.....	36
UNIDADE 3: Morena não, negra: uma discussão sobre o colorismo.....	46
Proposta 1: Minha cor é cor de pele.....	49
Proposta 2: Eu não sou morena: muitos tons de negritude.....	53
Proposta 3: “Quanto mais pretinha melhor”.....	56
Proposta 4: Nossa cor é linda!.....	58
UNIDADE 4: Heroínas negras: visibilizando mulheres negras e suas histórias.....	62
Proposta 1: Dandara dos Palmares.....	64
Proposta 2: Carolina Maria de Jesus	71
Proposta 3: Marielle Franco	78
UNIDADE 5: Avaliação	83
Proposta 1: Muitas formas de ser negra	83
Proposta 2: Construção de painel com imagens de mulheres negras	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86

APRESENTAÇÃO

Este produto foi pensado a partir da necessidade de levar para sala de aula materiais pedagógicos que sirvam como referência para construção da identidade de meninas negras nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Seu desenvolvimento se deu com base nas respostas obtidas por meio dos questionários e entrevistas realizadas com os professores dos anos iniciais e nas impressões obtidas por meio das atividades aplicadas em turmas do Ensino Fundamental I.

A pesquisa de campo, que foi realizada junto a uma escola do município de Duque de Caxias, demonstrou que meninas negras nos anos iniciais do Ensino Fundamental têm sua identidade e autoestima afetadas pelo racismo e que a ausência de representatividade e protagonismo da mulher negra em materiais que são utilizados na sala de aula reforçam os impactos que as questões raciais infligem sobre o comportamento destas meninas.

Os questionários e entrevistas realizados com os professores demonstraram que reconhecem a presença do racismo nas práticas escolares e seus efeitos sobre a construção da identidade e autoestima das alunas negras. Reconhecem ainda a necessidade de construir uma prática pedagógica que atente para tais questões, no entanto as respostas apresentadas sugerem que, além da falta de formação docente para lidar com a questão, existe uma carência de recursos e materiais didáticos disponíveis que possibilitem uma construção didática mais efetiva nesse sentido.

Nessa perspectiva, a proposta que se apresenta aqui é um caderno pedagógico construído com vistas à representatividade da mulher negra, que para além de trazer uma reflexão sobre as questões que impactam a construção da identidade das meninas negras nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contempla propostas de atividades que dialogam com uma prática docente voltada para a valorização e o fortalecimento da identidade das alunas negras no segmento ao qual se destina.

Este material foi construído a partir das reflexões sobre os instrumentos de coleta de dados e as atividades de intervenção aplicadas junto às turmas da escola-campo. As questões que emergiram dos materiais analisados e da aplicação das atividades serviram de base para o desenvolvimento das propostas que compõem o material. Dessa forma o caderno está dividido em quatro unidades, cada uma delas contendo, além das atividades-base desenvolvidas com as turmas, os desdobramentos pensados a partir das demandas apresentadas. É importante destacar que o caderno tenta fazer uma ponte com algumas das

competências e habilidades a serem desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que as atividades propostas podem ser adaptadas de acordo com a intenção pedagógica do docente. Vale ressaltar, ainda, que embora tenha sido prioritariamente pensado para atender aos alunos do 2º ao 4º ano, a maioria das atividades consegue transitar por todas as séries dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A primeira unidade do material tem como proposta a apresentação de princesas negras para as crianças, uma vez que essa personagem, que possui um forte apelo sobre o imaginário infantil das meninas, possui representação predominantemente branca. Nesse sentido, a unidade em questão busca romper com o entendimento socialmente construído de que princesas são brancas, por meio da contação de histórias com protagonismo de princesas negras, apresentação de princesas negras reais e a desconstrução das imagens de princesas tradicionais.

A unidade dois abarca uma discussão sobre um dos elementos mais marcantes na construção da identidade da mulher, sobretudo, da mulher negra, o cabelo. A proposta desta unidade é refletir sobre os tratamentos dispensados à mulher negra devido ao seu tipo de cabelo e também demonstrar, principalmente para as meninas negras, a beleza do cabelo crespo, por meio de imagens, histórias, músicas e outros recursos.

Na terceira unidade, trago uma reflexão sobre tons de pele. Entendendo que quanto mais escuro é o tom da pele maior é a carga de preconceito dirigido à pessoa negra e para além disso a dificuldade de identificação de negros de pele clara, a proposta da unidade três do caderno pedagógico tem como objetivo discutir não apenas os diferentes tons de pele negra como também refletir sobre a forma como percebemos os negros de pele mais retinta, buscando formas de valorização da pele negra.

A unidade 4 traz narrativas de mulheres negras que foram apagadas ou silenciadas pela história. Esta unidade tem como objetivo possibilitar que meninas negras reconheçam semelhança em mulheres negras com histórias que se distanciam do lugar de silenciamento onde fomos historicamente colocadas. Para isso, apresentaremos nesta unidade, a partir das atividades desenvolvidas, a trajetória de três mulheres negras relevantes para história e luta do povo negro, sendo duas do passado e uma contemporânea. São elas: Dandara dos Palmares, Carolina Maria de Jesus e Marielle Franco.

O caderno traz, ainda, uma última unidade que tem como objetivo verificar os impactos das propostas desenvolvidas na comunidade escolar. Visa, entre outras coisas, compreender de que forma os assuntos discutidos durante a realização das atividades do

caderno contribuíram com transformação do imaginário sobre a mulher negra nos sujeitos envolvidos.

O referido material, no decorrer de suas unidades, conta com propostas que tem como enfoque livros de literatura infantil e infanto-juvenil negras. O que se dá pela necessidade de inserir essa literatura no espaço da sala de aula, possibilitando que crianças negras se sintam representadas, uma vez que de acordo com Santos (2016, p. 29).

A representação é um conceito e prática ao mesmo tempo, além de ser peça chave para a construção das identidades, especificamente a negra, logo, para impactar a esfera pública e transformar o imaginário coletivo, combater o racismo e desconstruir os estereótipos as boas representações são grandes ferramentas.

Outra estratégia apresentada no material é a apresentação das autoras dos livros trabalhados. Esse fato se justifica na pouca representatividade de autoras negras no mercado editorial. Dessa forma o objetivo dessa proposta é tornar visíveis para nossos alunos às mulheres negras que contam histórias. É ainda permitir que nossas crianças percebam a autoria negra como algo possível. De acordo com esse pensamento, Santos (2016) aponta para nossa tendência em acreditar que não existem mãos negras literárias escrevendo a história do negro, sendo assim, apresentar a autora de cada obra trabalhada é uma forma de ressaltar que mãos negras existem e estão contando nossas histórias.

Por último, quero destacar aqui que o caderno pedagógico proposto terá como título “Tudo nela é de se amar”. Essa frase foi retirada de um texto produzido pela advogada e escritora Luciene Nascimento (2016), nele a autora fala, entre outras coisas, sobre a descoberta de si pela mulher negra. Destaca a baixa autoestima vivenciada pelas meninas negras nos tempos de escola e alegria da descoberta, ainda que tardia, de que “tudo nela é de se amar”. A escolha do título parte da intenção de que este caderno seja de fato um instrumento que auxilie meninas negras a descobrirem cada vez mais cedo que tudo nelas é de se amar.

UNIDADE 1: Enegrecendo as princesas: a mulher negra no universo das princesas infantis

Que imagem vêm à sua cabeça quando você pensa em uma princesa? Quando eu digo que uma menina se parece com uma princesa, em que menina você pensa? Que menina nunca sonhou em ser uma princesa? Algumas talvez não, mas o fato é que essas personagens devido às suas características socialmente relacionadas ao feminino compõem o imaginário de meninas de todas as idades. Os padrões de gênero estabelecidos na sociedade submergem as meninas no mundo das princesas desde o seu nascimento. O forte apelo comercial exercido pelas marcas e produtos favorece esse processo, uma vez que contribui para que meninas cresçam cercadas por roupas e utensílios que trazem impressos um modelo feminino a ser seguido. Sendo as princesas a representação de um arquétipo amplamente difundido pela literatura infantil, a escola não se distancia dos padrões estabelecidos na sociedade.

Os contos de fadas têm um forte apelo lúdico. Esse caráter surge da necessidade de adequação dos contos originais ao público infantil. A literatura infantil e infanto-juvenil está repleta das mais variadas histórias de princesas. Contudo, a imagem dessa personagem se mantém o mesmo na grande maioria dos contos. A menina branca (loira ou morena) com lindos cabelos lisos e compridos, de olhos claros, e que quase sempre é salva por um príncipe encantado. Esse pensamento pode ser corroborado por contos como Cinderela, Branca de neve, Bela adormecida e Rapunzel, o texto de Rocha (2009, p. 21) que ao se referir às princesas dos contos de fadas, afirma que:

São lindas, geralmente de pele muito clara e de cabelos loiros. Algumas ainda crianças, outras mal entradas na adolescência. Têm uma vida tranquila e feliz, até que, em determinado momento, passam por provas e provações, mas são salvas por jovens príncipes, belos, educados e ricos, que por elas arriscam a própria vida e com os quais elas se casam, sendo, então, “felizes para sempre”. Pertencem aos contos de fadas, são europeias e suas histórias aconteceram há muito e muitos anos.

Desde a primeira infância, as meninas são apresentadas a essas histórias e conquistadas por elas. Embora, algumas dessas personagens fujam do estereótipo de fragilidade e dependência do ser masculino, como é o caso das princesas Merida e Elsa, duas conhecidas princesas Disney, percebemos que os padrões estéticos pouco se alteram. Nesse sentido, e compreendendo os impactos dessas produções literárias no imaginário infantil, é importante refletir sobre a forma como a construção imagética dessas personagens afetam a formação da identidade de meninas negras, que não se veem representadas nessas histórias.

Apresentar a meninas negras e a crianças em geral narrativas de princesas e outros personagens infantis a partir da afro-perspectiva pode contribuir com seu processo de construção identitária, uma vez que esses personagens se constituem em referências positivas para as crianças e é importante que todas se sintam representadas nos mesmos. De acordo com Santos (2013, p. 17) “A inclusão de uma princesa negra no mundo dos contos de fadas amplia a possibilidade de uma menina/mulher negra se ver representada”. Nesse sentido, Santos (2016) ainda coloca que romper com os estereótipos é uma luta constante para ampliar a diversidade, aumentando as possibilidades de coisas que o sujeito pode ser. Dessa forma, possibilitar que meninas negras se identifiquem com princesas que estão fora do local de branquitude e fragilidade socialmente construídos em torno dessas personagens, contribui não apenas com o rompimento de estereótipos, como também com a conquista de representatividade.

A obrigatoriedade do trabalho com história africana e afro-brasileira, surgida a partir da lei 10.639/2003 impulsionou o mercado editorial a buscar e lançar histórias com temática negra, já há muito reivindicação dos movimentos sociais negros. No entanto, esse fôlego não foi suficiente para garantir que meninas negras se vissem representadas nas princesas infantis, uma vez que as princesas tradicionais ainda são aquelas mais amplamente divulgadas pela mídia. Nessa perspectiva, é importante que a escola faça um contraponto, oportunizando narrativas de princesas negras.

Objetivos: Resignificar a imagem de princesas, construída a partir de um modelo eurocentrado.

Proposta 1: Era uma vez uma ‘princesa... negra’**Desenvolvimento**

1º momento: Em uma roda de conversa, questionar a turma sobre as princesas que os alunos conhecem. Deixar que falem livremente sobre elas. Explicar que irá apresentá-los a uma nova princesa. Questionar a turma sobre a forma como eles imaginam essa princesa:

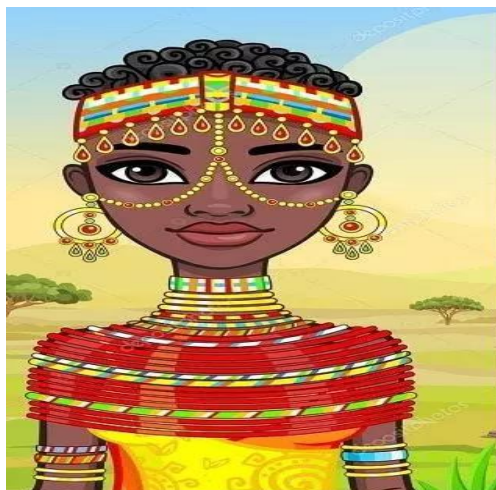
- *Quais são suas características físicas?*
- *Quais são suas características emocionais?*
- *Onde ela mora?*
- *Ela tem um príncipe? Como ele é?*

2º momento: Pedir que, individualmente, os alunos desenhem a princesa que irão conhecer da forma como imaginam que ela seja.

3º momento: Solicitar aos alunos que desejarem, que apresentem as princesas que desenharam para a turma e falem sobre as características que pensaram sobre ela.

4º momento: Apresentar para a turma a imagem de uma princesa negra, questionando a turma quanto às diferenças e semelhanças entre a princesa apresentada e as princesas descritas nas falas e nos desenhos realizados pelos alunos.

Figura 1. 1: Figura de princesa



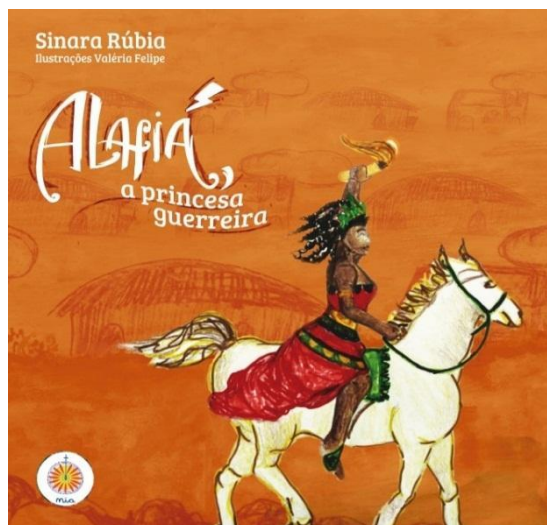
Fonte: <https://www.geledes.org.br>

Perguntas:

- Vocês conhecem princesas parecidas com essa?*
- Quem imaginou uma princesa como essa?*
- Por que vocês acham essa princesa diferente?*
- Essa princesa é bonita? Por quê?*
- Quais são as características dessa princesa?*

5º momento: Contar a história da princesa “Alafiá”, de Sinara Rúbia.

Figura 1. 2: Capa do livro princesa “Alafiá”



Fonte: RÚBIA, Sinara. **Alafiá, a princesa guerreira**. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ. Nia Produções, 2019.

Sinopse: O livro conta a história de uma princesa negra guerreira que foi sequestrada na África e trazida para o Brasil onde lutou bravamente para libertar seu povo da escravidão.

➤ **Notas sobre a autora**



Figura 1. 3: Foto de Sinara Rubia Ferreira

Sinara Rubia Ferreira é graduada em Letras-Português/Literatura, atuante na área de Literatura Infanto-juvenil Negra e Contação de Histórias, de inspiração griô. A Criação da princesa Alafiá se deu devido à procura de uma literatura infanto-juvenil que tivesse referências na cultura negra para sua filha.

Fonte: <https://imirante.com/namira/brasil/noticias/2019/06/21/professora->

Sugestão:

É indicado que durante a contação da história o professor (a) valorize as características negroides da princesa (cor da pele, cabelo, traços faciais etc.)

6º momento: Após a contação da história, construir um cartaz com a imagem da princesa, pedindo aos alunos que escrevam em fichas, palavras ou frases positivas sobre a princesa que foi apresentada durante a aula para serem colocadas no cartaz. O título para o cartaz pode ser o título da história que foi contada ou a turma pode pensar coletivamente em outro título. O cartaz pode ser fixado na sala de aula ou nos corredores da escola.

- Outra proposta para o 6º momento é solicitar que os alunos desenhem novamente uma princesa. Dessa vez com base na história da princesa que foi apresentada.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- ✓ *Você sabia que existem muitas princesas parecidas com a que você conheceu na história que ouvimos? Elas estão esperando que alguém muito especial conte suas histórias. Imagine uma princesa parecida com a que você conheceu hoje e conte sua história.*

Era uma vez uma princesa muito bonita _____

Ela morava _____

Certa vez _____

Então _____

E assim, _____

Sugestões de livros para o desenvolvimento dessa proposta:**A princesa Alafiá**

Autora: Sinara Rúbia

Editora: Nia produções literárias

O conto está disponível em: <http://sinararubia.blogspot.com/2013/05/o-conto-princesa-alafia.html>

Omo-Oba: histórias de princesas

Autor: Kiusam de Oliveira

Editora: Mazza edições

Aqaltune e as histórias da África

Autora: Ana Cristina Massa

Editora : Gaivota

Disponível em: [http://files.nucleo-pedagogico-leste-2.webnode.com/200000780-5a9915c8e5/Aqaltune%20e%20as%20historias%20da%20Africa%20\(1\).pdf](http://files.nucleo-pedagogico-leste-2.webnode.com/200000780-5a9915c8e5/Aqaltune%20e%20as%20historias%20da%20Africa%20(1).pdf)

A princesa e o vento

Autora: Martha Rodrigues

Editora: Mazza Edições

Proposta 2: Além dos contos de fadas**Desenvolvimento:**

1º momento: Provocar a turma com o seguinte questionamento:

“Princesas existem no mundo real ou só nos contos de fadas?”

A partir das respostas dos alunos, propor uma roda de conversa com a discussão dos seguintes tópicos:

- Vocês conhecem princesas de verdade?
- Quais são as princesas que vocês conhecem? Cite alguma.
- Como elas são?
- Se parecem com as princesas dos contos de fadas?

2º momento: Apresentar para turma a história de Nzinga, rainha africana que viveu entre os anos de 1582 e 1663.

- ✓ Optamos aqui por Nzinga, contudo o professor (a) poderá explorar a história de outras rainhas africanas do passado.

Observe a imagem abaixo e discuta com seus colegas e seu professor (a).



Figura 1. SEQ Figura_1._* ARABIC 4: Ilustração de uma guerreira negra

Fonte: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/mulheres-africanas-rainhas-querreiras-e-lideres-espirituais/>

Quem você acha que é a mulher representada na imagem?

Você acredita que ela seja uma mulher do passado ou do presente?

Em que lugar você imagina que ela tenha vivido?

Você acha que ela se parece com uma princesa? Por quê?

3º momento: Ler junto com a turma a história de Nzinga ou de outra princesa escolhida pelo professor (a).

Nzinga (1582 – 1663), rainha de Matamba

Conhecida como Jinga e Ginga, ela era membro da etnia Jagas, um grupo guerreiro que formava um escudo contra os portugueses comerciantes de escravos. Ela formou alianças contra potências estrangeiras para libertar Angola da influência europeia. Usou a religião como ferramenta política para controlar seus inimigos. Sua morte em 17 de dezembro de 1663 abriu as portas para Portugal implantar o grande comércio de escravos. No entanto, sua luta ajudou a despertar a resistência contra os invasores.

Fonte: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/mulheres-africanas-rainhas-guerreiras-e-lideres-espirituais/>

- ✓ Ao término da leitura o professor(a) pode problematizar as repostas emitidas pelos alunos durante o segundo momento.
- ✓ O professor(a) pode a partir do texto explorar outras áreas do conhecimento.

4º momento: Levantar o seguinte questionamento com a turma: “Conhecemos uma princesa africana que viveu há muito tempo. Vocês acham que ainda hoje existem princesas africanas?”

Após as respostas da turma apresentar princesas negras da atualidade.

Princesa da família real de Wenchi – Gana

Figura 1. 4: Princesa Akosua Busia



Fonte: <https://www.geledes.org.br>

Princesa Akosua desbravou caminhos na indústria cinematográfica estrelando em filmes como *Native Son*, *The Color Purple*, *Rosewood* e *Tears of the Sun*.

Ela foi uma das três coautoras para a adaptação cinematográfica do romance de Toni Morrison. Também escreveu uma música com Stevie Wonder. O famoso cineasta John Singleton é seu ex-marido.

Princesa da Serra Leoa

Figura 1. 5: Princesa Sarah Culberson



Fonte: <https://www.geledes.org.br>

Sarah Culberson vivia com a sua família adotiva em West Virginia, mas ao olhar para seus pais biológicos, ela descobriu que era na verdade uma princesa e foi convidada por seu pai, um membro da família real da tribo Mende na província do sul de Serra Leoa, para conhecer sua família na África. Depois de uma viagem emocional, durante a qual ela se reencontrou com seu pai e outros parentes, ela percebeu que ser uma princesa neste país devastado pela guerra civil não era algo glamoroso. A maioria das pessoas vivia em condições de pobreza, por isso, ela criou a Fundação Kposowa para ajudar a reconstruir a escola Bumpe, que foi destruída na guerra civil do país.

Princesa da Nigéria, esposa do príncipe Kunle omilana

Figura 1. 6: Princesa Keisha Omilana



Nascida na Califórnia. Keisha é modelo e o Príncipe nigeriano Kunle Omilana sempre quis conquistá-la. Ela, inicialmente recusou, mas depois aceitou a oferta. “Esta é a melhor decisão que você já fez”, disse ele. Juntos, eles são marido e mulher, pais, parceiros de negócios e proprietários da Wonderful-TV, uma rede cristã atingindo mais de 100 milhões de lares em toda a Europa.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/>

Princesa de Toro

Figura 1. 7: Princesa Elizabeth Bagaaya de Toro



Advogada, diplomata, política e atriz são todas as realizações que a princesa Elizabeth tem sob seu cinto. Ela estudou na Universidade de Cambridge. Foi ministra das Relações Exteriores de Uganda. Toro é um dos quatro reinos tradicionais localizados dentro das fronteiras de Uganda

Fonte: <https://www.geledes.org.br/>

O professor (a) pode escolher uma ou mais princesas para apresentar aos alunos.

Proposta 3: E se as princesas fossem negras?

1º momento: Apresentar imagens de princesas tradicionais, em versão negra, discutindo suas características com a turma.

- ✓ *Você já conhecia as princesas apresentadas?*
- ✓ *Você já havia imaginado essas princesas dessa forma?*
- ✓ *Que característica mais lhe chamou atenção?*
- ✓ *Você acha que alguma princesa ficou mais bonita? Qual?*

Figura 1. 9: Branca de neve negra



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/863917140990269838/>

Figura 1. 10: Cinderela negra



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/574560864959136947/>

Figura 1. 11: Elsa negra



Fonte:

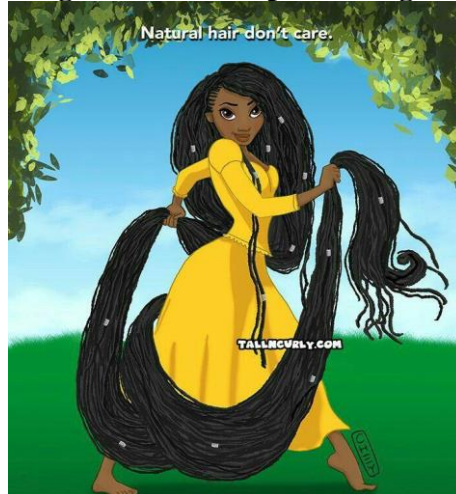
<https://br.pinterest.com/pin/366902700890670587/>

Figura 1. 12: Bela negra



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/318277898647806248/>

Figura 1. 13: Rapunzel negra

Fonte: <http://atl.clicrbs.com.br/atlgirls/2018/03/15/e-se-as-princesas-fossem-negras/>

2º momento: Pedir que os alunos escrevam sobre as princesas que foram rerepresentadas

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- ✓ Algumas princesas que você já conhecia foram rerepresentadas a você. Escolha uma delas e reconte sua história, falando sobre suas características. Não se esqueça de desenhá-la!



3º momento: Apresentar a letra do rap “Minha Rapunzel tem dread”, da MC Soffia.

Num conto de fadas, a Rapunzel joga suas tranças
Na minha história, ela tem dread e é africana
Agora vou contar o meu conto para vocês
Como todas as histórias começa com:
“Era uma vez...”

Era uma vez, uma princesa Rastafari
que nasceu no reino de Sabá
Na minha história, quem disse que a bruxa é má?
Meninas unidas podem tudo mudar

Aqui inimiga não vai rolar
Ah, é, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Ahn, ahn, não vai rolar

Na minha história, a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é Rastafari
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar

O seu cabelo dread tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei, porque
não vi princesa assim
Só me mostraram uma, ai, isso não dá pra mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que desfruta tudo que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer
Crie uma princesa que pareça com você

Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com
você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com
você
Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com
você
Crie uma princesa que pareça com você

Aqui inimiga não vai rolar
Ah, ah, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Não, hum, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar

Na minha história, a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é Rastafari
Não precisa de um príncipe para se salvar
Ela é empoderada e pode o mundo conquistar

O seu cabelo dread tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei porque não vi
princesa assim
Só me mostraram uma, ai, isso não dá pra
mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que desfruta tudo o que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com
você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com
você
Crie uma princesa que pareça com você

Figura 1. 14: Mc. Soffia

Fonte: <https://brasildefato.com.br>

Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia, mais conhecida como MC Soffia, é uma rapper, cantora e compositora brasileira. É conhecida pelas letras de suas canções, que falam sobre preconceito, racismo e machismo. Filha de militantes do movimento negro na cidade de São Paulo, desde os sete anos de idade tem composto e cantado raps com a temática do empoderamento feminino e, principalmente, negro.

4º momento: Com base na letra do rap, sugerir que os alunos criem uma princesa ou príncipe que se pareça com eles e deem um nome.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- ✓ Crie uma princesa ou príncipe que se pareça com você.

- ✓ Mc Soffia chamou sua Rapunzel de princesa Etiópia, nome de um país africano.
- ✓ E você que nome escolheria para sua princesa ou príncipe? Por quê?

UNIDADE 2: Ruim é seu racismo: uma proposta de valorização do cabelo crespo

O cabelo é um traço marcante da identidade da mulher, sobretudo, da mulher negra. Muitos dos ataques racistas sofridos por meninas negras no período escolar fazem referência a seu tipo de cabelo. Na visão de Berth (2019), o estigma do cabelo recai sobre a mulher negra desde a mais tenra infância, entendendo que desde esta época meninas negras são alvo de rejeições e injúrias devido a seus fios capilares, independente de estarem naturais ou alisados. Gomes (2003) destaca que em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma história ancestral e uma memória. Desse modo, a proposta desse material é contribuir com a valorização do cabelo crespo por meio do resgate dessas histórias e memórias ancestrais.

As questões relacionadas ao cabelo crespo afetam diretamente a construção da identidade de meninas negras. A mulher negra, desde a infância até a fase adulta, é alvo de forte pressão estética devido a seu cabelo crespo. Desde muito cedo, meninas negras são submetidas a processos químicos para modificar a estrutura de seus fios capilares. Isso se deve ao apelo social que compreende o cabelo liso como modelo padrão, socialmente aceitável. Esses tratamentos, além de causar danos físicos, pois a maioria provoca dor também, impactam na autoestima e na construção de suas identidades. Não é incomum ouvirmos relatos de mulheres negras que estão há muito tempo se submetendo a esses processos, alegando que já não recordam mais da textura original de seus cabelos. “– Eu não sei mais como é o meu cabelo!”. Essa frase estampa a forma como o racismo e o preconceito direcionado ao cabelo crespo impactam na construção identitária da mulher negra. Para ilustrar esse pensamento, me valho da reflexão de Berth (2019, p. 115), a autora ressalta que:

Uma mulher negra pode alisar seus cabelos na busca consciente ou inconsciente pela estética europeia/caucasiana que foi cunhada pelo colonizador como aceitável, agradável, desejável. Embora essa deturpação de suas características fenotípicas possa lhe trazer uma sensação de bem-estar ao se vislumbrar diante do espelho, saber que seu cabelo não é seu e, portanto, exigira um conjunto de cuidados para se manter, incluindo táticas para que os outros esqueçam desse detalhe incômodo e a insatisfação que inevitavelmente circula pelo seu interior, acaba por alimentar, diante das dificuldades de manter a aparência colonizada, as rejeições do sistema racista que sempre a vitimaram. Ao se deparar com uma mulher branca de cabelos naturalmente lisos, se jogando ao ar sem nenhuma amarra a frustração irá alimentar o auto-ódio implantado e desenvolvido ao longo da História, mesmo que de forma involuntária.

O alisamento dos fios tem em seu contexto questões que ultrapassam a estética, na maioria das vezes, ele ocorre por uma tentativa de embranquecimento por parte da mulher que não se reconhece dentro de uma identidade negra, outras como forma de se sentir aceita, uma vez que o cabelo liso reforça hierarquias sociais. Em seu artigo intitulado “Meu cabelo também é identidade: transição capilar luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro”, Matos (2016, p. 5) salienta que “Dentro de um contexto americano escravocrata, os negros que possuíam cabelo liso eram mais bem vistos do que os que tinham a textura crespa.” Nesse sentido, Gomes (2003, p. 3) ainda ressalta que “Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção desse.” Desta forma, compreendem-se os conflitos sofridos por meninas e mulheres em relação ao cabelo afro, já que o alisamento dos fios está diretamente relacionado à aceitação social.

A luta dos movimentos sociais negros, sobretudo de feministas negras, aliada ao advento das redes sociais e ao impulso da indústria cosmética para alcançar esse público consumidor, vem encorajando cada vez mais meninas e mulheres negras a resgatarem sua identidade e autoestima e assumirem a originalidade de seus fios. No entanto, essa ainda não é uma pauta esgotada, uma vez que mulheres negras ainda sentem a necessidade de alisar seus cabelos, não por opção, mas como forma de se encaixar em um padrão; uma vez que meninas negras ainda não se sentem suficientemente seguras para irem à escola de cabelo solto ou ainda almejem um cabelo liso e loiro como o da colega de sala.

Em 2015, viralizou nas redes sociais um bilhete enviado por uma creche em São Paulo. O comunicado, referente à apresentação que seria realizada pelos alunos na festa de fim de ano da escola, solicitava que as meninas comparecessem no dia do evento com cabelo solto e liso, a fim de que a apresentação ficasse mais bonita. Para ilustrar o bilhete a escola utilizou a foto da atriz Larissa Manoela como modelo. Ressalto aqui se tratar de uma menina branca, com cabelo liso e comprido, que provavelmente, não representa todas as alunas da escola.

Figura 2. 1: Bilhete de escola para os pais

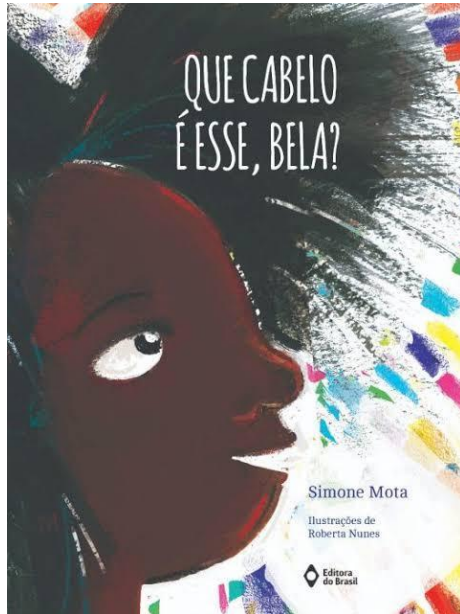
Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/creche-de-sp-pede-alunas-cabelo-liso-e-solto-em-festa-e-causa-polemica.html>

O caso ocorrido com o bilhete enviado pela creche é apenas mais um dentre tantos episódios, que apontam para necessidade de ressignificarmos a imagem do cabe crespo, sobretudo, para meninas negras em idade escolar. Reconhecer a beleza no seu tipo de cabelo, deixando de percebê-lo como um elemento de sua aparência que precisa ser negado ou escamoteado é uma importante ferramenta no processo de construção da identidade e autoestima da mulher negra. Concordando com Berth (2019, p. 116).

Parecem-nos, então, muito coerentes, os discursos e narrativas de enfrentamento do racismo vigente, que exaltam os cabelos como elemento de orgulho racial, pois amá-los significa cuspir de volta para boca do sistema racista todas as ofensas, rejeições, exclusões que nos são direcionadas ao longo de toda uma vida.

Ao fazer o resgate ancestral da memória do cabelo crespo através da literatura infantil, valorizando a beleza e diversidade desse cabelo por meio de imagens e histórias de mulheres e meninas negras que superam preconceitos para ostentar suas coroas crespas. Por isso, acredito que a unidade 2 deste material pode contribuir com resgate da autoestima e com a construção da identidade de meninas negras violentadas pelo racismo e pela pressão estética que supervaloriza o cabelo liso.

Objetivo: Valorizar a beleza do cabelo crespo, desconstruindo os estereótipos sobre esse tipo de cabelo.

Proposta 1: Que cabelo lindo é esse?**Figura 2. 2: Capa do livro "Que cabelo é esse, Bela?"**

Fonte: MOTA, Simone. **Que cabelo é esse, Bela?** 1ª Edição – São Paulo, SP. Editora do Brasil, 2018.

1º momento – Leitura do livro “Que cabelo é esse, Bela?”, de Simone Mota.

Sinopse: O livro conta a história de Bela, a menina que adorava brincar na chuva com os amigos e descobre que seu cabelo brilha. A partir dessa descoberta, Bela vai viver uma série de angústias e conflitos relacionados ao seu cabelo crespo. Até que, por meio de uma conversa ancestral com sua mãe, Bela reencontra a alegria no brilho de seus cabelos.

➤ **Notas sobre a autora**

Figura 2. 3: Foto Simone Mota



Simone Cruz dos Santos Mota - Formada em Estatística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, começou a escrever quando teve que se afastar de suas atividades profissionais para cuidar de seu filho. Em sua trajetória como escritora da literatura infanto-juvenil publicou vários livros, sendo seis da mesma coleção 'Eu não Gosto de...', além de tantos outros, como 'Rainha, a Sogra da Cinderela, e o Sorriso de Cristal'.

Fonte: <https://www.odebateon.com.br/site/noticia/detalhe/35680/simone-mota-lanca-mais-um-sucesso-para-a-criancada>

2º momento – Discussão sobre o livro

- *O que vocês acharam da história de Bela?*
- *Vocês conhecem meninas com o cabelo parecido com o de Bela?*
- *Como elas costumam usar o cabelo?*
- *Por que meninas com cabelo crespo, às vezes, não se sentem à vontade para soltá-lo ou usá-lo de forma natural?*
- *O que é um cabelo diferente?*
- *Existe cabelo ruim?*

3º momento – Construir frases positivas sobre o cabelo crespo a partir da observação de imagens.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Figura 2. 4: Atividade com imagens de meninas e mulheres negras com cabelos crespos

Que cabelo lindo é esse?

- ✓ Observe as imagens abaixo e escreva frases que demonstrem o que essas meninas/mulheres gostariam de ouvir sobre seus cabelos.

1



2



3



4



1 - _____

2 - _____

3 - _____

4 - _____

4º momento: Expor expressões negativas usadas para se referir a cabelos crespos e pedir que os alunos construam frases positivas para contrapô-las.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Figura 2. 5: Atividade com imagens de personagem negra da Turma da Mônica

Virando o jogo!

- ✓ Assim como vimos na história de Bela, ainda hoje, muitas pessoas utilizam expressões ruins para se referir ao cabelo crespo. Que tal virarmos o jogo? Observe as expressões ruins utilizadas abaixo e que deixam as pessoas tristes e pense em outras que podem substituí-las e deixar as pessoas felizes.



Que cabelo duro!



Que cabelo ruim!



5º momento: Propor aos alunos que pintem e coloquem brilho nos cabelos de Bela de acordo com a sugestão de atividade abaixo.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Figura 2. 6: Atividade com ilustração Brilha Bela

Brilha, Bella!

- ✓ Pinte a figura abaixo pensando no brilho e na beleza dos cabelos de Bela, personagem da história que acabamos de ouvir. Não se esqueça de completar a frase com alguma característica do cabelo de Bela que a deixaria bem feliz ao ler.



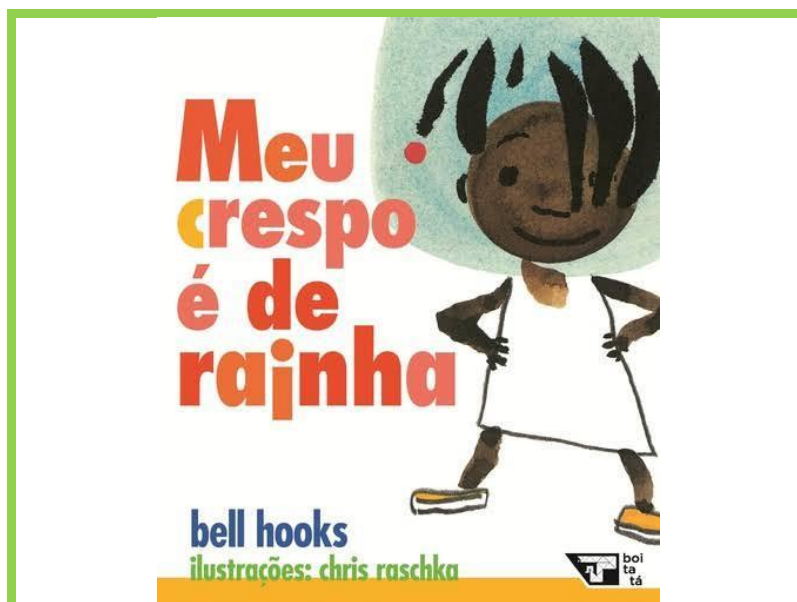
Que cabelo _____ é esse, Bela?

Proposta 2: “Meu crespo é de rainha!”

Desenvolvimento

1º momento: Ler para a turma o livro “Meu crespo é de rainha”, de bell hooks.

Figura 2. 7: Capa do livro *Meu crespo é de rainha* da bell hooks



Fonte: hooks, Bell. *Meu Crespo é de Rainha*. 1ª Edição – São Paulo, SP, Boitatá, 2018.

Sinopse: *Meu crespo é de rainha* aborda de forma poética a beleza e diversidade dos cabelos crespos e cacheados.

Notas sobre a autora

Figura 2. 8: Foto de bell hooks



bell hooks - Batizada como Gloria Jean Watkins, adotou o nome pelo qual é conhecida em homenagem à bisavó. feminista, escritora, crítica cultural e ativista tem uma vasta produção com mais de 30 publicações, incluindo livros infantis. *Meu crespo é de Rainha* foi seu primeiro livro infantil.

Fonte: <https://www.editoraelefante.com.br/quem-e-bell-hooks/>

2º momento: Explorar a leitura do livro

- *A história fala sobre qual tipo de cabelo?*
- *Qual dos cabelos apresentados no livro você mais gostou? Por quê?*
- *Você conhece pessoas com cabelos parecidos com os cabelos da história?*
- *Você gosta do seu cabelo?*
- *Você gostaria de ter um cabelo diferente? Como?*
- *Você concorda que todos os cabelos são bonitos?*
- *Tem algum tipo de cabelo que você não gosta? Por quê?*
- *Você acha que existem pessoas que sofrem preconceito por causa do seu cabelo?*
- *Que atitudes podemos ter para acabar com esses comportamentos?*

3º momento: Construir uma lista elencando todas as características utilizadas pela autora para se referir ao cabelo crespo no livro. Cada aluno pode construir a sua lista individual e partir destas a turma poderá construir uma lista coletiva.

PROPOSTA DE ATIVIDADE**Crespos e...**

- A autora utilizou palavras bem legais para se referir a forma e beleza dos cabelos crespos. Escreva abaixo algumas daquelas que você recorda.
 - _____
 - _____
 - _____
 - _____
 - _____

- Que outras palavras que a autora não utilizou, nós podemos pensar para falar da beleza do cabelo crespo?
 - _____
 - _____
 - _____
 - _____
 - _____

4º momento: Selecionar imagens de mulheres com diferentes tipos de cabelo crespo e pedir que cada aluno escolha uma para realização da atividade abaixo. Ao final da atividade os alunos poderão compartilhar com a turma a imagem que escolheram e por quê. As atividades realizadas pelos alunos podem ser fixadas nas paredes da sala.

PROPOSTA DE ATIVIDADE**Crespa e linda!**

- ✓ Como vimos no livro da bell hooks, existem muitos tipos de cabelo crespo e cada um tem sua beleza. Selecione um crespo de rainha e cole no quadro abaixo.

Cole aqui a imagem que você selecionou

Esse crespo é de rainha, porque _____

Outras possibilidades para a atividade acima:

- Ao invés de levar imagens pré-selecionadas, o professor(a) pode sugerir que os alunos pesquisem as mesmas, na escola ou em casa;
- O professor(a) pode sugerir aos alunos, que façam um desenho ao invés de colar imagem;
- A parte escrita da atividade pode ser realizada por meio da oralidade em turmas que ainda não se apropriaram do sistema de escrita alfabética ou ainda, o professor (a) pode ser o escriba.

5º momento: Propor aos alunos que escutem o rap da Mc Elis: “Vem dançar com a Elis”.

✓ **Sugestões:**

- *Levar a letra impressa para que a turma possa acompanhar;*
- *Deixar que a turma ouça a música no mínimo duas vezes;*
- *É importante que durante a execução da música a turma esteja livre para acompanhar, cantando ou dançando;*
- *Apresentar para a turma Mc Elis e sua trajetória. O professor(a) pode levar uma fotografia impressa ou reproduzir em um projetor de imagem.*

Vem dançar com a Elis

[refrão]

Vem dançar com a Elis

Vem dançar com a Elis

Aqui não tem caô

Só chegar e ser feliz

Eu já estou cansada

Dessa ideia de racismo

Eu não tô de mimimi

Fale o que quiser nem ligo

O meu cabelo não é duro,

Ele é crespo e muito lindo

Vou passar logo a visão

Tá incomodado comigo?

[refrão]

Vem dançar com a Elis

Vem dançar com a Elis

Aqui não tem caô

Só chegar e ser feliz

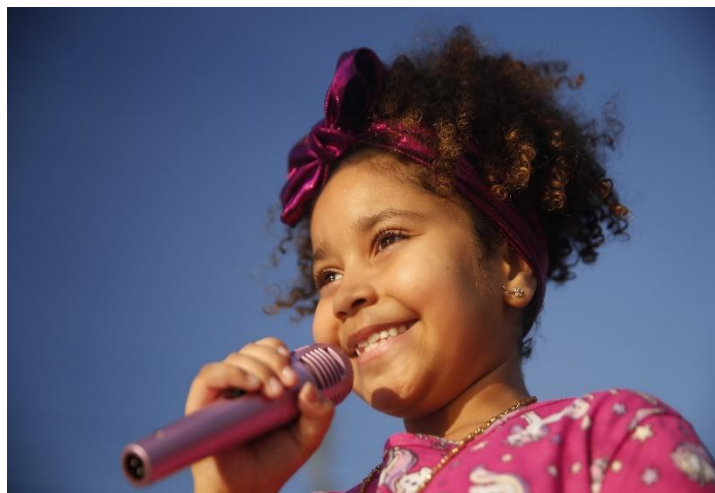
E não venha com esse papo de mulata e moreninha,

Sou preta com muito orgulho,

Minha coroa é de rainha

Quem é a Mc Elis?

Figura 2. 9: Foto Mc Elis



Moradora da Praça Seca, na Zona Oeste do Rio, se tornou um sucesso na internet ao cantar sobre racismo com seus poucos 7 anos.

MC Elis surgiu nas redes sociais e já causou alvoroço entre o público. A letra de sua música incentiva o combate ao preconceito de cor e exalta os negros. “Meu cabelo não é duro, ele é crespo e muito lindo” e “Sou preta com muito orgulho, minha coroa é de rainha” são frases que acompanham o suingue da também dançarina.

“Eu falo isso para as pessoas acharem o cabelo delas lindo e elas serem lindas, por isso eu falo essa frase [...]”

A mãe de Elis, Renata Moraes, de 33 anos, disse que o nome da música, composta por um amigo, surgiu a partir de um evento, onde a filha ensinava outras crianças a dançar. A proposta de falar sobre o racismo surgiu após a filha receber comentários pejorativos sobre seu cabelo.

“A música fala sobre dança, felicidade, respeito, sobre o cabelo, que já tiveram comentários que deixaram ela triste e pensativa. Não poderia ser uma música qualquer, teria que ser uma música que mostrasse essa força e foi isso que aconteceu”, disse.

Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/musica/noticia/elis-mc-de-7-anos-canta-na-internet-sobre-racismo-e-conquista-milhares-de-fas.ghtml>

5º momento: O professor (a) poderá problematizar a história da MC Elis.

- ✓ Você conhece alguma menina que, assim como Elis, já sofreu preconceito por causa do seu cabelo?
- ✓ O que você pensa sobre isso?
- ✓ Na sua opinião o que podemos fazer para acabar com esse tipo de situação?

6º momento: Utilizar notícias ou reportagens para analisar casos de crianças que sofreram preconceito devido ao seu tipo de cabelo.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

1

()

Criança é impedida de se matricular em escola por ter cabelos crespos

Segundo denúncia dos pais, ato, considerado racista, partiu da diretora da escola, que não autorizou a matrícula do menino de 8 anos, por ele estar fora dos padrões seguidos pelas demais crianças do colégio, o estilo social

Quem nasceu com cabelo crespo ou cacheado enfrenta ou já enfrentou problema cuidar dos fios ou até mesmo já sofreu preconceito ou problemas de autoestima chamada "ditadura do cabelo liso". Para quebrar esse tabu, um grupo de amigas pernambucanas resolveu criar um evento que visa desde dar dicas dos cuidados esse tipo de cabelo até o enfrentamento de preconceitos e racismo coletivamente reunimos porque queríamos trocar experiências de como cuidar melhor dos cabelos crespos e cacheados", conta a integrante e assistente administrativa Márcia Gou. Ao todo são 6 amigas, nenhuma cabeleireira, que se juntaram em prol de um bem comum..

2

()

Mãe relata preconceito sofrido pela filha na escola por causa do cabelo black power

Mulher mandou bilhete para o estabelecimento de ensino pedindo que não mexam mais no cabelo da criança. "Não foi a primeira vez", relata

No referido dia, a mãe foi à escola e levou a criança, com o objetivo de fazê-la conhecer o espaço onde estudaria. Ao ver a criança, a diretora da escola me disse: 'Mãezinha com esse cabelo não pode'. Fiquei perplexa, até ela declarou que eu deveria levar o Felipe para cortar o cabelo. A diretora, Helena Rita de Sousa, havia feito a exigência, pois o aluno deveria "seguir um padrão em que as outras crianças da escola seguiam, cabelos baixos, estilo social", em suas palavras, contou a mãe.

3

()

Mulheres de cabelos crespos se unem contra o preconceito

Além de reclamar nas redes sociais, Bia Moraes escreveu um bilhete para a menina. Ela pediu que não mexessem no cabelo da garota, pois só a lidar com o tipo de cabelo da filha. A escola depois respondeu que a situação irá se repetir e afirmou que a motivação foi somente pelas professoras de brincar com o cabelo dos alunos. Apesar de ressaltar que somente o Valentina foi preso, Bia afirmou que entendeu a escola e não culpa a mãe, pois acredita que o preconceito é estrutural.

Fontes:

<https://imirante.com/oestadoma/noticias/2019/03/14/crianca-e-impedida-de-se-matricular-em-escola-por-ter-cabelos-crespos/>

<https://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/evento-preve-valorizacao-do-cabelo-cacheado-e-luta-contr-o-preconceito/>

<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/03/mae-relata-preconceito-sofrido-pela-filha-na-escola-por-causa-do-cabel.html>

✓ A partir da leitura do texto acima, analise e relacione os títulos aos trechos das respectivas matérias.

✓ Qual é o tema central das reportagens acima?

✓ Qual das notícias aponta para uma iniciativa de combate ao preconceito?

✓ Em quais notícias as situações relatadas são semelhantes? Quais são essas semelhanças?

✓ A notícia 3 fala sobre uma ação que contribui para diminuição do preconceito sofrido por mulheres que possuem cabelos crespos. Converse com seus colegas e proponha ações que possam contribuir para diminuição desse tipo de preconceito na escola.

✓ Que notícia sobre preconceito contra cabelo crespo você gostaria de ler no futuro? Escreva o título aqui.

7º momento: Solicitar que os alunos, em grupos, construam um rap falando sobre o preconceito direcionado aos cabelos crespos. O professor(a) deve orientá-los a se inspirarem no rap da MC Elis.

Figura 2. 10: Foto de vídeo de empoderamento de crianças



Fonte: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/escola-cria-projeto-solte-o-cabelo-prenda-o-preconceito-para-empoderar-criancas/6306433/>

➤ **Sugestões**

- ✓ Exibir o vídeo do projeto “Solte o cabelo, prenda o preconceito”, (link acima).
- ✓ Propor a realização de um dia para que todas as meninas soltem o cabelo.
- ✓ Neste dia espalhar pela escola cartazes com os raps construídos pelos alunos.

UNIDADE 3: Morena não, negra: uma discussão sobre o colorismo

A iniciativa de dedicar uma unidade deste caderno pedagógico para discutir os tons de pele negra, surge da necessidade de dar visibilidade e ressaltar a beleza de meninas negras de pele escura.

No Brasil, o racismo está diretamente relacionado à cor da pele. A grosso modo, a regra é a seguinte: quanto mais clara for a pele da pessoa negra, menores serão os efeitos do racismo sobre ela. Essa é a prerrogativa que, de maneira simplificada, o termo “colorismo” traz em seu significado.

Assim como o cabelo, a cor da pele é um traço marcante da identidade da pessoa negra, pois se traduz em um marcador de hierarquia social. O termo pardo, amplamente utilizado para se referir a negros de pele clara no Brasil, foi cunhado no período colonial para denominar os escravos livres. Santana (2018) afirma que “O termo pardo no Brasil Colônia, portanto, indicava, além da cor de pele, o status social de pessoas não brancas livres, em um universo escravista”.

Os critérios de cor e raça sempre foram utilizados como demarcadores de posição social e o termo pardo tornou-se um subterfúgio para negros que compreendiam a proximidade da branquitude como forma de ascensão social, uma vez que, ainda que o termo não lhe conferisse o status de branco, trazia em seu bojo a afirmação de ser um sujeito não negro.

Nessa perspectiva, de acordo com Carneiro (2011, p. 64):

A língua denuncia o falante. No termo “pardo” “cabem os mulatos, os caboclos e todos os que não se consideram brancos, negros, amarelos ou indígenas”. Todos os que não se desejam negros, amarelos ou indígenas encontram uma zona cinzenta onde possam se abrigar, se esconder e se esquecer de uma origem renegada.

Ainda na visão da autora:

Talvez o termo “pardo” se preste apenas a agregar os que, por terem sua identidade étnica e racial destrocada pelo racismo, pela discriminação e pelo ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são ou, simplesmente, não desejam ser o que são. (CARNEIRO 2011, p. 67)

Esse cenário nos leva a compreender o fato de ainda hoje a cor da pele ser um elemento de discriminação nos mais diversos espaços sociais, dentre eles a sala de aula. Não incomum encontrarmos nas escolas meninas negras de pele clara que rejeitam ou negam sua identidade negra. Esse comportamento pode se justificar pelo fato de meninas negras de pele

escura serem os alvos mais constantes de exclusão e preconceito. Vivemos em uma sociedade na qual a cor da pele é um fator de concessão de privilégios, não por acaso os grupos privilegiados quase sempre possuem pele clara.

Assim como o cabelo liso, a pele clara é um padrão a ser seguido, fato que explica o porquê de o lápis “cor de pele” nunca ter representado crianças negras de diferentes tonalidades. Para Carneiro (2011), o racismo concede a pessoas brancas o privilégio de serem representadas em sua diversidade, aprisiona pessoas negras em uma imagem fixa e estereotipada.

A maioria das caixas de lápis de cor tradicionais normalmente trazem como opção para cor de pele lápis com tonalidade pastel ou salmão que desconsidera totalmente a diversidade de tons de pele existentes no país.

Atualmente, já existem no mercado marcas que, a fim de alcançar essa diversidade, oferecem caixas de lápis de cor com variadas opções de tonalidades cor da pele. Contudo, esse material ainda não está popularizado, não sendo encontrado com facilidade nas prateleiras comerciais. A maioria das opções está disponível apenas pela internet. A exceção mais conhecida é a de uma marca famosa de material escolar, que lançou recentemente uma caixa de lápis de cor que traz à parte três lápis 2 em 1, contabilizando seis opções para tonalidades de pele.

Durante muito tempo, as atividades de desenho e pintura oportunizadas pela escola serviram para nos lembrar que nossa pele não era da cor certa. Existia uma cor de pele correta, que era a que vinha na caixa e não era a nossa. A pele negra era sempre pintada com lápis preto ou marrom, mas nunca com cor da pele, porque a nossa cor não era de pele. E esse cenário se repete ainda hoje em muitas salas de aula.

É importante considerar que o fato de haver disponibilidade no mercado de lápis cor de pele em diferentes tonalidades, somada à dificuldade de acesso da maior parte da população a esses materiais, reflete o tímido avanço das pautas raciais e a necessidade de repensarmos o trabalho pedagógico.

Vale destacar ainda que, embora, algumas marcas ofereçam um repertório mais variado de tonalidades de lápis cor da pele, que vão de tons mais claros aos mais escuros, não conseguem abarcar toda nossa diversidade, contudo cumprem o objetivo de apresentar diferentes possibilidades entendendo todas como cor de pele.

São as fissuras desse contexto que fazem com que meninas negras se declarem morenas, não reconhecendo ou não aceitando sua negritude. Nesse sentido, Carneiro (2011, p. 73) declara que:

A fuga da negritude é a medida da consciência de sua rejeição social e o desembarque dela sempre foi incentivado e visto com bons olhos pela sociedade. Cada negro claro ou escuro que celebre sua mestiçagem – ou suposta morenidade – contra sua identidade negra tem aceitação garantida.

Acredita-se, portanto, que é na contramão dessa rota de fuga que a escola deve construir estratégias para valorização de todos os aspectos da identidade negra, dentre a cor da pele. Dessa forma, o presente material se propõe a abordar alguns conflitos que envolvem a pele negra e o processo de construção da identidade da menina negra em torno destes.

Objetivo: Reconhecer e valorizar a diversidade de tons de pele negra existentes.

Proposta 1: Minha cor é cor de pele**Desenvolvimento**

1º momento: Levar uma atividade para que os alunos pintem, com o seguinte direcionamento: “Nós vamos pintar essa imagem de cor da pele”. Antes da pintura levantar questionamentos como:

- *Que cor vocês utilizarão para pintar o desenho?*
- *Essas cores representam todos os tons de pele?*
- *Qual é a cor da pele?*
- *Que cor eu devo utilizar se quiser pintar a cor da pele?*

Nesse momento, é importante levar os alunos a perceberem que as pessoas, negras ou brancas, possuem diferentes tonalidades de pele e, portanto, não é possível que um único lápis possa representar todas essas tonalidades.

2º momento: Solicitar que os alunos observem e comparem entre si as diferentes tonalidades de pele existentes dentro do grupo da sala de aula. O professor(a) pode pedir aos alunos que se organizem do mais claro para o mais escuro, do mais escuro para o mais claro, solicitar que observem se alguém possui tonalidade igual, quais alunos tem a tonalidades de pele parecidas, quantas tonalidades diferentes ao todo.

3º momento: Atividade de sistematização.

PROPOSTA DE ATIVIDADE**Figura 3. 1: Atividade sobre cor de pele**

- A partir da observação da charge abaixo, responda.



Fonte: <https://www.facebook.com/psiediniltonrosa/>

- ✓ Quantas cores diferentes você observa na imagem?

- ✓ Qual dessas cores você acha que é cor de pele?

- ✓ Se algum colega lhe pedisse emprestado o lápis cor de pele, que cor você escolheria para emprestar a ele? Explique sua resposta.

- *Durante essa atividade espera-se que os alunos compreendam que existem várias possibilidades de tons de pele e que o lápis utilizado dependerá da cor de cada um.*

4º momento: Deixar que os alunos pintem a atividade que foi apresentada no primeiro momento. Em seguida, expor as atividades e pedir que as comparem entre si, observando os diferentes tons de pele.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Figura 3. 2: Atividade pintar pele

- Pinte a imagem abaixo utilizando lápis cor da pele.

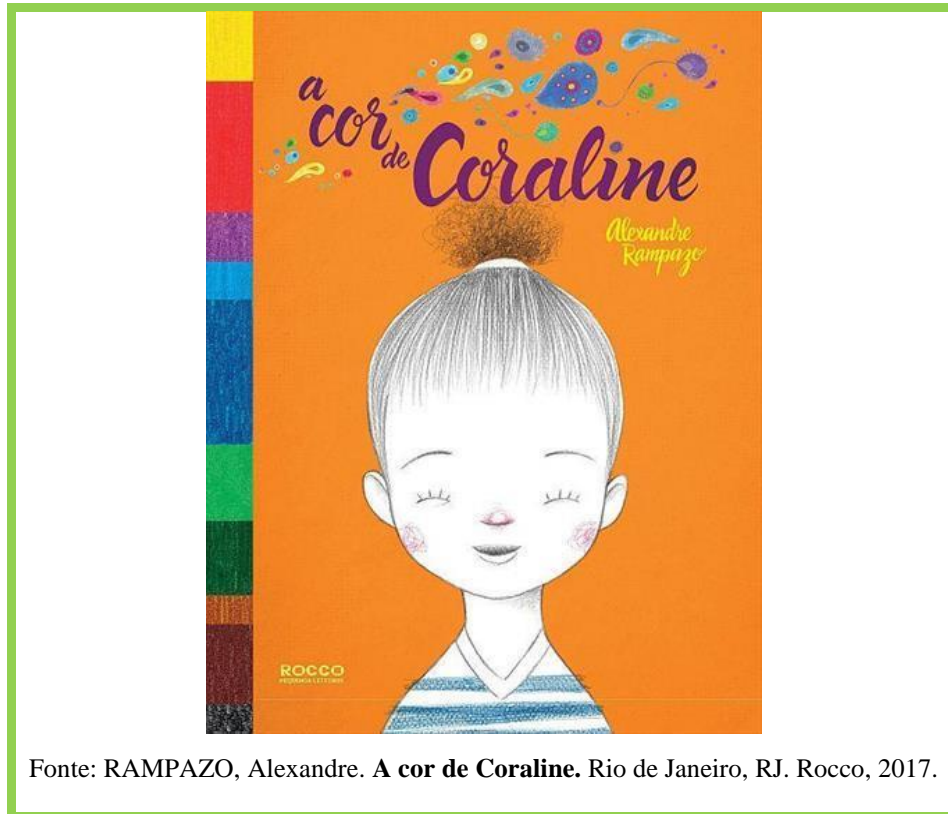


Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/457748749620594483/>

- ✓ Nesse momento seria importante que os alunos tivessem acesso a uma caixa de lápis de cor que oferecesse diferentes tonalidades de tons de pele.
- ✓ O professor (a) poderá optar por outra imagem.

5º momento: Encerramento com a leitura do livro “A cor de Coraline”, de Alexandre Rampazo.

Figura 3. 3: Capa do livro “A cor de Coraline



Fonte: RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. Rio de Janeiro, RJ. Rocco, 2017.

Sinopse: A partir da pergunta “Me empresta o cor de pele?”, o autor explora o tema da diversidade, mostrando como somos coloridos.

✓ **Discutindo o livro**

- *Que lápis o amigo de Coraline queria?*
- *Que lápis é cor de pele?*
- *Que lápis melhor representava a pele de Coraline?*
- *Por que podemos dizer que somos coloridos?*

Proposta 2: Eu não sou morena: muitos tons de negritude**Desenvolvimento:**


1º momento: Dispor imagens de mulheres negras com diferentes tons de pele e pedir que os alunos discorram sobre qual delas eles consideram negra e por quê?

- Este momento pode ser realizado individualmente, quando cada aluno receberá uma folha e realizará a atividade por escrito, ou coletivamente, no qual as imagens serão apresentadas em um cartaz ou projetadas em uma tela e a discussão será realizada pelo grupo.


PROPOSTA DE ATIVIDADE

Figura 3. 4: Atividade com foto de mulheres negras famosas - Beyonce, Isa, Taís Araújo, Lupita e Marta.


- Observe as imagens abaixo e responda.




1



2



3



4

Fontes: <https://br.pinterest.com/pin/47147127339092589/>
<https://br.pinterest.com/pin/20899585758569735/>
<https://br.pinterest.com/pin/242420392422618314/>
<https://br.pinterest.com/pin/78461218497084803/>

5



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/476326098093981804/>

- Você conhece alguma das mulheres que aparecem nas imagens? Qual? Fale um pouco sobre ela.

- Na sua opinião, quais dessas mulheres são negras? Indique utilizando o número das imagens.

- Que características levaram você a essa conclusão?

2º momento: Discutir as respostas apresentadas pelos alunos, enfatizando o fato de que todas as mulheres apresentadas nas imagens são negras. Nesse momento, é importante discutir com a turma quais os aspectos relevantes para que possamos considerar uma pessoa negra. Deve-se ressaltar que nem todas as pessoas negras possuem pele escura, reforçando que outras

características são traços de negritude. Utilizar as imagens trabalhadas na atividade anterior para explorar as diferentes formas de ser mulher negra.

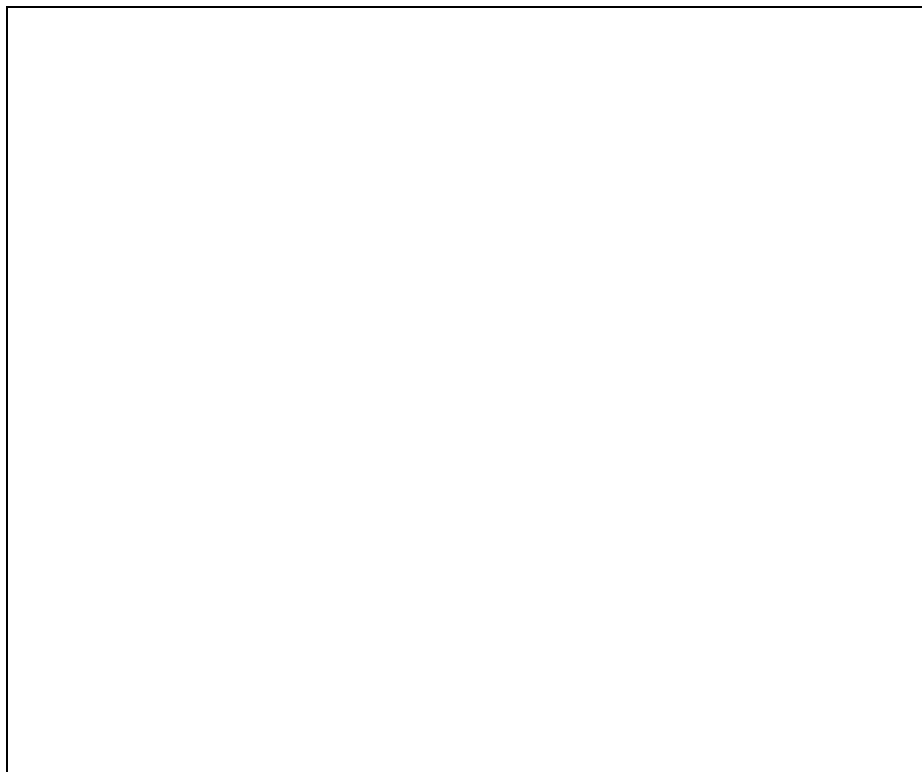
3º momento: Disponibilizar imagens pré-selecionadas ou outro tipo de material (livros, jornais, revistas), onde os alunos possam pesquisar imagens para realizar a atividade abaixo.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Figura 3. 5: Atividade de colagem

Eu não sou morena, eu sou negra!

- Pesquise e cole aqui uma imagem que se relacione com a frase.



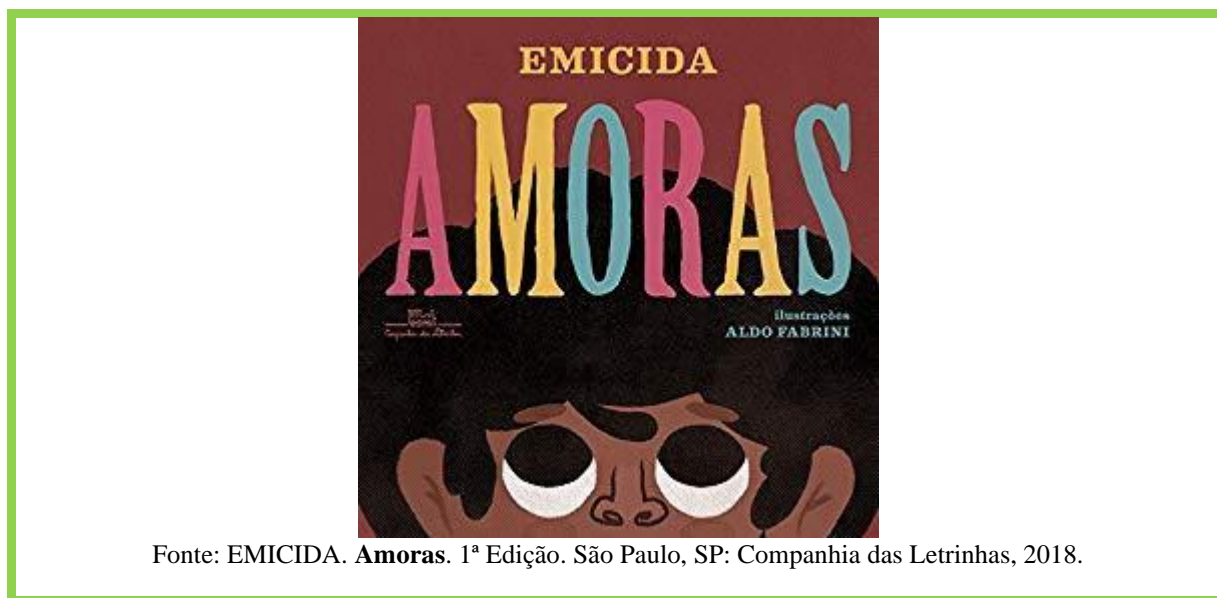
- Que outra frase você usaria como título para imagem que você escolheu?

Proposta 3: “Quanto mais pretinha melhor”

Objetivo: Desconstruir o preconceito direcionada a meninas negras de pele retinta.

1º momento: Leitura do livro “Amoras”, Emicida.

Figura 3. 6: Capa livro “Amoras”



Sinopse: Em um texto cheio de poesia, Emicida narra a história de uma garotinha que reconhece sua identidade a partir de uma conversa com pai, embaixo de uma amoreira. De maneira lúdica, o autor compara a pele retinta da menina à cor e doçura das amoras.

Discutindo o livro

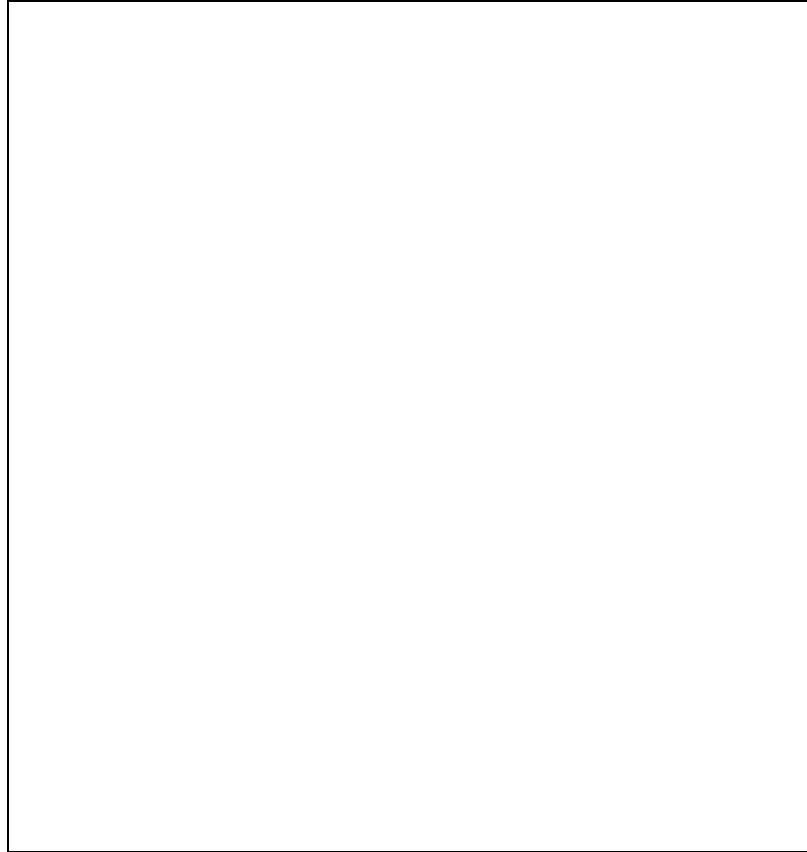
Você conhece amoras? (Por não se tratar de uma fruta popular é importante demonstrar para os alunos que fruta é essa e suas características. O professor (a) pode levar algumas amoras para aula ou fazer essa explanação por meio de imagens).

Por que a personagem do livro foi comparada a uma amora?

“Quanto mais pretinha melhor!” Na sua opinião por que o autor usou essa frase no livro?

Doce e linda!

- ✓ Pensando na beleza e doçura das amoras desenhe a personagem retratada na história que acabamos de ler. Em seguida fale um pouco sobre ela.



Outra possibilidade para esta atividade seria propor que os alunos pesquisassem em livros e revistas imagens de meninas que eles acreditem que sejam parecidas com a personagem do livro.

Proposta 4: Nossa cor é linda!

1º momento: Abordar a beleza e as especificidades da pele negra a partir da discussão de diferentes tipos de textos.

Texto 1

Certo dia, um artista com seus pincéis e as suas tintas nas mãos olhou para a tela e pensou: Eu sei pintar, mas de onde vem meu desejo? Então, o artista caminhou de um lado para o outro, coçou a testa e resolveu sair pela rua a fora. Percebeu que há muito tempo não via os cães e as pessoas. Ele começou a ver como uns lugares são coloridos e os outros nem tanto, viu que as pessoas são de cores diferentes; isso o deixou com uma coceira nas mãos e quanto mais ele via pessoas, animais e objetos, mais ele tinha essa coceira. Até que, do outro lado da rua, ele viu a menina mais linda do mundo, ela era negra como o céu sem estrelas, seus cabelos pareciam nuvens de tão macios, o artista surpreso com a beleza da menina, atravessou a rua e foi falar com ela. “– Onde encontrou a cor de sua pele?”; “– Não sei, só sei que nasci assim.”; “– Mas eu nunca tinha vista tal cor.”; “– Então, você nunca olhou muito por aí, porque existem muitas pessoas com a cor igual à minha.”. E a menina saiu andando enquanto o artista a observava. Ele voltou para a casa, pegou seus pincéis e suas tintas e quando ele fez primeiro risco na tela descobriu que o desejo de pintar vem quando observamos as pessoas com beleza e respeito. Descobriu que as diferenças que fazem o desejo de pintar.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/nossas-criancas-nao-sabem-que-sao-negras/>

Texto 2

Quando falamos de crescimento infantil, não podemos ignorar a importância da vitamina D, fundamental para o fortalecimento dos ossos. Pessoas de pele negra tem maior carência dessa vitamina o que requer uma atenção especial. E a Dra. Katleen explica: “A pele negra, por ter maior quantidade de melanina, faz com que haja menor absorção da vitamina D. O ideal é realizar exames periódicos e ter acompanhamento médico”.

A pele escura não nos blindava contra os males do sol, que vão desde o ressecamento, descamação até o câncer de pele. “Crianças negras têm que usar filtro solar com o FPS 30, no mínimo. De preferência em loção, resistente a água e suor. O uso deve ser diário e a replicação feita a cada três horas”, finaliza Dra. Katleen.

Fonte: <https://mundonegro.inf.br/criancas-negras-cuidados-com-a-pele-e-o-cabelo/>

2º momento: Propor atividade de comparação e interpretação dos textos discutidos.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

✓ Pensando nos textos que discutimos, responda as questões a seguir.

- O que os dois textos têm em comum?

- O texto 2 é um texto informativo. Qual a informação principal do texto?

- Quais as características da menina que serviram como fonte de inspiração para o artista no texto 1?

- Com o que o autor compara a beleza da menina no texto 1?

- No texto 2 entendemos que a pele negra, assim como qualquer outra, necessita de cuidados para se manter bonita e saudável. Na sua opinião o que a médica do texto 2 diria sobre a pele da menina do texto 1 se ela fosse ao seu consultório?

- Cite o nome de uma menina ou mulher que você conheça que tenha a pele tão linda quanto a personagem retratada no texto 1.

- Que títulos você daria para os textos?

Texto 1: _____

Texto 2: _____

3º momento: Utilizando tintas, pincéis e folha A3, solicitar aos alunos que inspirados pelo texto 1, retratem a beleza da menina negra. O professor(a) pode sugerir que os alunos retratem a menina do texto ou alguma outra menina ou mulher negra que desejem. Ao término da atividade, os trabalhos podem ser espalhados pela escola.

UNIDADE 4: Heroínas negras: visibilizando mulheres negras e suas histórias

Quais foram as mulheres negras que você conheceu na escola? Qual delas lhe foi apresentada fora de um local de servidão? Que mulher negra você julga ter tido um papel importante em nossa formação histórica? Muito provavelmente o leitor(a) desta unidade encontrará dificuldades para responder a essas questões. Isso porque as histórias de mulheres negras não nos foram contadas na escola. Quando retomamos, por exemplo, o Brasil colonial e o fim do período de escravidão, as lutas das mulheres negras são apagadas pela história hegemônica, que transformou uma mulher branca – princesa Isabel – na grande heroína desse feito e as referências da luta do negro estão centralizadas em figuras masculinas como, por exemplo, Zumbi dos Palmares, “esquecendo” de contar as histórias de mulheres negras que, sujeitos desse processo, lutaram com bravura pela sua liberdade e de seu povo.

Este apagamento da mulher das páginas da história, subtraída pela mulher branca e o homem negro pode ser explicado pelo pensamento de Collins (2019). A pesquisadora aborda o conceito de interseccionalidade para explicar, que diferente do que ocorre com as mulheres brancas, que sofrem opressões de gênero, a mulher negra vai sofrer também opressões de raça por grupos socialmente dominantes. Pensando no apagamento da história da mulher negra no Brasil, podemos concordar com Collins (2019, p. 32) quando a autora aponta que:

A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras - têm sido decisivas para manutenção de desigualdades sociais.

Esta unidade tem como um de seus propósitos contribuir com uma mudança de perspectiva a fim de que os questionamentos registrados acima possam, futuramente, ser respondidos sem maiores dificuldades. Que exemplos de mulheres negras importantes na nossa história, sejam facilmente remontados.

Selecionar as três mulheres que comporiam as propostas desenvolvidas nesta unidade não se traduziu em tarefa fácil, visto que são muitas as heroínas e intelectuais negras que poderiam contribuir com este material. Contudo, depois de algumas análises, decidi abordar aqui as narrativas de Dandara dos Palmares, Carolina Maria de Jesus e Marielle Franco. A seguir, passo a justificar minha escolha por estas três personalidades negras, cujas histórias representam a força e intelectualidade da mulher negra.

A escolha por Dandara dos Palmares se deu por todo simbolismo de força e coragem que a personagem carrega. Dandara, figura feminina do período escravocrata, rompe com os estereótipos da mulher escravizada servil e submissa e sua história demonstra a força e representatividade da mulher negra na luta pela liberdade. Somando-se a isso a importância de que, assim como Zumbi, Dandara também seja reconhecida como uma heroína dos Palmares, quilombo mais importante da nossa história.

Carolina Maria de Jesus representa aqui a intelectualidade da mulher negra e a importância de se romper com o silêncio que nos foi imposto e contar a nossa história. Mulher negra, pobre e favelada, a escritora “estilhaçou a máscara do silêncio” e levou sua voz e sua história para o mundo. Sobre isso, Collins (2019, p. 51) vai dizer que “Devolver o pensamento feminista negro também implica buscar sua expressão em posições institucionais alternativas e entre mulheres que não são comumente vistas como intelectuais”. Isso implica resistir às forças opressoras que insistem em invisibilizar e negar a intelectualidade de mulheres como Carolina. Sendo assim, sua história precisa ser contada e, quem sabe, encorajar meninas negras a também escreverem suas histórias?

Por último, mas nem de longe menos importante, a escolha por Marielle Franco se deu dentro da necessidade de enfrentamento a uma política de retrocessos, que insiste em seguir silenciando e vitimando mulheres negras. Marielle, assim como Dandara no século XVII, pode ser vista como um exemplo de força e coragem da mulher negra. Pobre e favelada, como Carolina Maria de Jesus, ousou romper com o local de silêncio que lhe foi destinado e ser a voz de milhares de mulheres negras na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Sendo a mulher negra minoria representativa nos espaços de poder, a voz da vereadora na luta pelas políticas de igualdade de raça e gênero era e ainda é um importante instrumento para construção da identidade da mulher negra.

Portanto, entendendo que são muitas as mulheres importantes na história do nosso país, que contribuíram ou contribuem significativamente em diversos campos da sociedade. Dar visibilidade a essas mulheres, possibilitando uma narrativa capaz de deslocá-las dos lugares de vulnerabilidade e inferioridade nos quais colonialismo tentou fixá-las, pode ser fundamental no processo de construção da identidade de outras mulheres negras.

Objetivo: Dar visibilidade às narrativas de mulheres negras importantes da nossa história, contribuindo com o processo de representatividade para meninas negras.

Proposta 1: Dandara dos Palmares

1º momento: Apresentar uma imagem representativa de Dandara dos Palmares, levantando os seguintes questionamentos.

- Você conhece a mulher que aparece na imagem?
- Já ouviu algo sobre sua história?
- Ao olhar esta imagem, o que você pensa sobre esta mulher?
- Que características levaram você a estas impressões?

Figura 4. 1: Figura de Dandara



Fonte: <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/por-que-dandara-rainha-de-palmares-nao-e-anita-garibaldi>

2º momento: Contar a história de Dandara.

- O professor(a) pode contar a história ou disponibilizar o texto para que os alunos leiam, conforme sugestão a seguir.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

✓ Observe a imagem abaixo.

Você sabia que a mulher representada nela foi uma figura muito importante na história do nosso país? Leia o texto e entenda quem foi essa mulher tão importante na nossa história.



Fonte: <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/por-que-dandara-rainha-de-palmares-nao-e-anita-garibaldi>

Dandara dos Palmares

Dandara dos Palmares viveu há muito tempo atrás, há mais de trezentos anos, no Quilombo do Palmares, que era um dos lugares para onde os negros iam quando conseguiam fugir das pessoas ruins que os escravizavam. Lá eles formavam uma comunidade que lutava para se proteger das pessoas que queriam levá-los de volta para as fazendas onde eram escravizados.

O quilombo tinha um líder, Zumbi dos Palmares, mas ele não liderava sozinho, não. Dandara, sua esposa, era uma guerreira muito forte e valente que, junto com Zumbi, lutou contra as injustiças da escravidão.

Dandara aprendeu a caçar, a lutar capoeira e a usar armas, tudo pra defender o seu povo das maldades da escravidão. Ela sempre lutou bravamente para proteger o Quilombo dos Palmares e todos que viviam ali dos ataques inimigos.

Dizem que um dia o quilombo dos Palmares foi atacado e depois de muito lutar contra homens armados com armas muito poderosas, percebendo que seria capturada, Dandara decidiu se jogar de um penhasco para não voltar a ser escravizada.

Dandara foi uma heroína que viveu e morreu lutando por um mundo melhor. Foi uma mulher negra muito importante na história do nosso país.

Compreendendo o texto.

- Você já tinha ouvido falar de Dandara dos Palmares?

- O que você achou de sua história?

- De acordo com o texto, quem foi Dandara dos Palmares?

- O que era o Quilombo dos Palmares?

- Quais eram as principais características de Dandara?

- Podemos afirmar que Dandara dos Palmares foi uma grande heroína. Que fatos de sua história comprovam essa afirmação?

- Você conhece alguma mulher corajosa como Dandara? Fale sobre ela.

- Pensando na personagem que você acabou de conhecer, responda as questões a seguir. Não esqueça de colorir a imagem.



- **Complete a frase.**

Dandara era uma mulher muito _____.

- **Dandara era uma mulher:**

() frágil () valente () medrosa

- **Onde vivia Dandara?**

() fazenda () mata () quilombo

- **Qual esporte Dandara aprendeu a praticar?**

() capoeira () judô () futebol

- **Dandara lutava para:**

() ganhar muito dinheiro () sair do quilombo () proteger e libertar o seu povo

3º momento: Leitura do cordel “Dandara dos Palmares”.

Se você já ouviu falar
Da história de Zumbi
Peço, então, sua atenção
Pro que eu vou contar aqui
Talvez, você não conheça
Por incrível que pareça.
Por isso, eu vou insistir.

O quilombo dos Palmares
Por Zumbi foi liderado
E, nesse mesmo período,
Dizem que ele foi casado
Com uma forte Guerreira
Que tomou a dianteira
Pelo povo escravizado.

Foi Dandara o seu nome
Que é quase como lenda
Não há provas de sua vida
E, talvez, te surpreenda
Com um ar de fantasia
De coragem e de magia
Mas, assim se compreenda.

Não há dados registrados
Sobre onde ela nasceu
Se foi ela brasileira
Ou na África cresceu
Se ela tinha liberdade
Ou se na dificuldade
Ela livre se verteu.

Com Zumbi teve três filhos
E seus nomes vou citar
Motumbo, Aristogíton
E Harmódio a completar
Eram esses os rebentos
De um casal muito sedento
Que se uniu para lutar.

Mas Dandara não queria
Um papel limitador
Ser a mãe que cozinhava
Tendo um perfil cuidador

As batalhas lhe chamavam
E seus olhos despertavam
Pelo desafiador. Guerrear pelo seu povo
Era o que lhe motivava
O sonho da liberdade
Para todos cultivava
Sendo muito decidida
Era até envaidecida
Pela força que ostentava.

Um fator que se destaca
Era o seu radicalismo
Pois, não aceitava acordo
Com os senhores do racismo
Que ofereciam terras
Para que acabasse a guerra
No interesse do cinismo.

Porque tinha bem certa
Uma baita opinião:
Liberdade para poucos
Não conforta o coração
O quilombo que existia
Para todos lutaria
Sem abrir uma exceção.

E, por isso, que Dandara
Tinha fé no guerrear
Confiava nas batalhas
Para tudo transformar
A paz só existiria
Pelo que conquistaria
Para todos libertar.

Liderava os palmarinos
Lado a lado com Zumbi
Entre espadas e outras armas
Escutava-se o zunir
Dos seus golpes tão certos
Que aplicava bem ligeiros
Pra ferir ou confundir.

Certa vez, numa viagem
Sugeriu a invasão

Da cidade do Recife
 No meio de um sopetão
 E Zumbi ficou chocado
 Até mesmo impressionado
 Por tamanha ambição.

Não chegaram a completar
 O plano audacioso
 Mas notamos nesse caso
 Um exemplo grandioso
 Da braveza que mostrava
 E Dandara assim reinava
 Com Palmares orgulhoso.

Então vale imaginar
 As ações que aconteciam
 Que os guerreiros de Palmares
 Com Dandara concluía
 As senzalas arrombavam
 Plantações até queimavam
 E em poder evoluía.

O quilombo dos Palmares
 Era assim tão majestoso
 Que os brancos despeitados
 Tinham um medo horroroso
 Planejavam o destruir
 Mas chegavam a ruir
 Sendo o ataque desastroso.

Muitos anos, desse modo
 Foi Palmares resistindo
 Até que um final ataque
 Acabou lhe destruindo
 E Zumbi traçou a fuga
 Para não largar a luta
 Pela mata foi partindo.

Mas Dandara, encurralada
 Teve só uma opção
 Pra não ser capturada
 Nem cair na escravidão
 Atirou-se da pedreira

Com convicção inteira
 De negar-se à prisão.

Até mesmo a sua morte
 De heroísmo foi repleta
 E a mensagem que anuncia
 Entendemos bem completa:
 Rejeitar a rendição
 É a nossa condição
 Como um grito de alerta.

Há quem diga que Dandara
 É um símbolo lendário
 Que está representando
 Um poder imaginário
 Heroína para gente
 Como deusa que ardente
 Traz o revolucionário.

Se existiu como se conta
 Ou se lenda representa
 Para mim tudo resume
 Essa luta que apresenta
 Baluarte feminina
 A guerreira palmarina
 Na memória se sustenta.

Dia 20 de novembro,
 Dia de lembrar Zumbi
 É também dessa Dandara
 Que devemos incluir
 O seu nome celebrado
 Sim, merece ser honrado
 E no peito se sentir.

Jarid Arraes

➤ **Notas sobre a autora**

Figura 4. 2: Foto de Jarid Arraes



Jarid Arraes – é escritora, cordelista, poeta e autora dos livros “**Redemoinho em dia quente**”, “**Um buraco com meu nome**“, “**As Lendas de Dandara**” e “**Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis**“. Curadora do selo literário **Ferina**, atualmente vive em São Paulo, SP, onde criou o **Clube da Escrita Para Mulheres** e tem mais de 70 títulos publicados em Literatura de Cordel.

Fonte: <http://jaridarraes.com/sobre/>

Sugestão:

Deixar o cordel disponibilizado no espaço da sala de aula.

4º momento: Propor que os alunos, em grupos, pesquisem e confeccionem cartazes sobre Dandara e sua história.

✓ **Sugestão:**

- O professor(a) pode sugerir que os grupos se dividam e visitem outras turmas para falar sobre a figura retratada no cartaz.
- Os cartazes podem ser expostos pela escola.

Proposta 2: Carolina Maria de Jesus

1º momento: Apresentação e reflexão sobre a biografia de Carolina Maria de Jesus.

Figura 4. 3: Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus foi uma importante escritora brasileira. Ela nasceu na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, quando criança, frequentou a escola Allan Kardec com incentivo e ajuda de uma das freguesas de sua mãe. Kursou apenas a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Contudo, apesar do pouco tempo na escola logo desenvolveu o gosto pela leitura e escrita.

Em 1937, sua mãe faleceu e Carolina se mudou para São Paulo. Viveu na favela do Canindé, onde criou seus três filhos trabalhando como catadora de papel. Lia tudo que recolhia do lixo e guardava as revistas que encontrava. Escrevia sobre seu dia a dia nas folhas encardidas que catava.

Carolina de Jesus sonhava em ser escritora. Em 1958, ao fazer uma reportagem na favela do Canindé, o jornalista Audálio Dantas conheceu Carolina e seu diário. Ele ficou maravilhado com a história da escritora e em 1960 seu diário virou um livro chamado “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e foi publicado.

Carolina de Jesus morreu em 1977, vítima de insuficiência respiratória.

Fonte: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/

- ✓ Você já tinha ouvido falar sobre essa escritora?
- ✓ Você acredita que a leitura ajudou Carolina Maria de Jesus? De que forma?

- ✓ Na sua opinião, como poderia ter sido a vida de Carolina Maria de Jesus se ela tivesse a oportunidade de estudar mais?
- ✓ Quais os maiores desafios enfrentados por Carolina Maria de Jesus para se tornar uma escritora?
- ✓ Você acha que qualquer pessoa pode se tornar escritora? Por quê?

✓ **Sugestão:**

- O professor(a) também pode trabalhar a biografia de Carolina Maria de Jesus por meio do livro “Carolina, biografia em quadrinhos” de Sirlene Barbosa e João Pinheiro.

2º momento: A partir da imagem da personagem da turma da Mônica, que foi utilizada em uma homenagem à Carolina Maria de Jesus e da biografia da autora, solicitar que os alunos construam uma história em quadrinhos sobre a vida da escritora.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Figura 4. 4: Desenho de Carolina M^a de Jesus

Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2017/02/uma-das-mais-importantes-escritoras-do-brasil-carolina-maria-de-jesus-e-homenageada-pela-turma-da-monica/>

No ano de 2017, Carolina Maria de Jesus recebeu uma importante homenagem da Turma da Mônica, sendo representada por um de seus personagens.

Que tal construir uma história em quadrinhos contando um pouco da vida da escritora?

3º momento: Como forma de incentivo à leitura, levar os alunos a refletirem sobre a relação da escritora com os livros. Discutir com os alunos a frase dita por Carolina e sua relação com a leitura.

Figura 4. 5: Carolina M^a de Jesus



Fonte: <https://queridojeito.com/frases-carolina-maria-de-jesus>

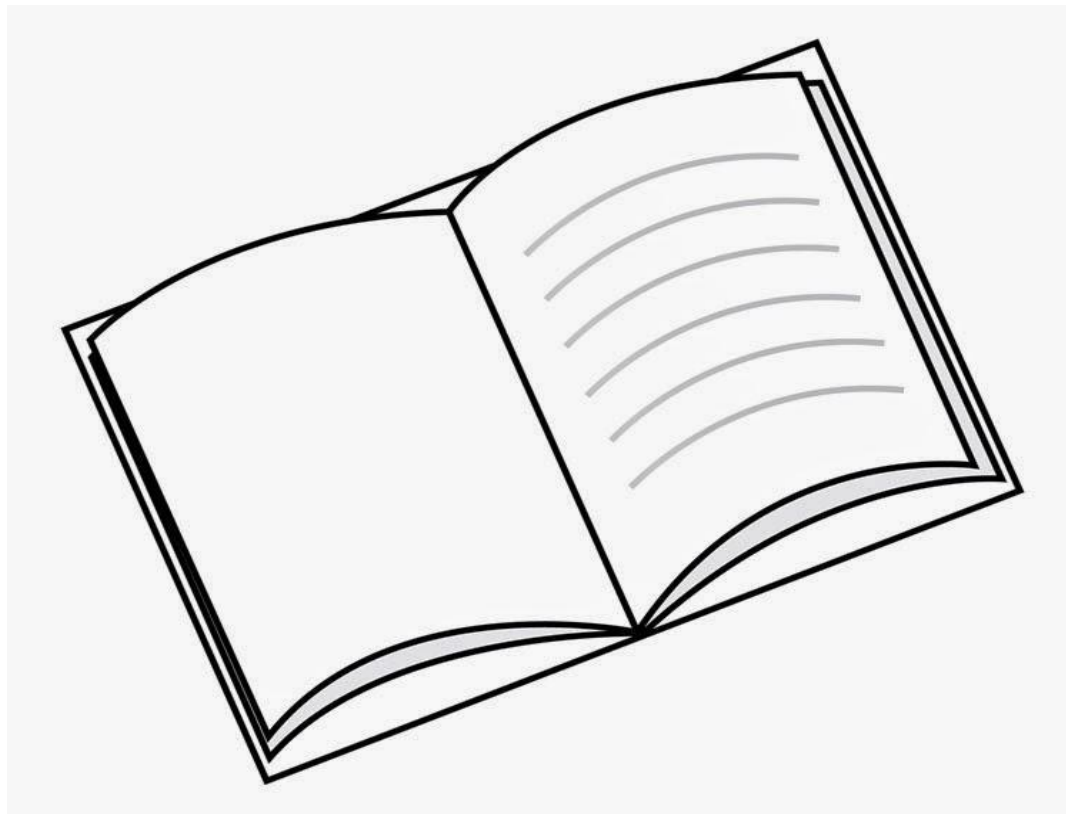
- ✓ Você concorda com a afirmação de Carolina Maria de Jesus?
- ✓ Na sua opinião, o que ela quis dizer com essa frase?

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- ✓ Como vimos, Carolina Maria de Jesus adorava ler. Como catadora de papel ela lia tudo o que encontrava. Foi esse gosto pela leitura que a ajudou a se tornar uma boa escritora.
- ✓ E você? Também gosta de ler?

- ✓ Qual é o seu livro preferido?

- ✓ Carolina Maria de Jesus nos deixou mensagens valiosas sobre a importância da leitura. Você também acha a leitura importante? Que mensagem deixaria sobre isso? Escreva-a na imagem abaixo. Não se esqueça de fazer uma ilustração bem legal!



4º momento: Sugerir que, assim como a autora estudada, os alunos também construam um diário por um determinado período de tempo.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- ✓ A escritora Carolina Maria de Jesus registrava em um diário os acontecimentos de sua vida. Esse diário mais tarde se tornou um livro.

E você já escreveu um diário? Que tal começar agora?

Inspirados pela autora vamos registrar durante cinco dias os principais acontecimentos do nosso dia a dia.

1º DIA

2º DIA

3º DIA

4º DIA

5º DIA

Sugestão:

O professor (a) pode sugerir aos alunos que ainda não se apropriaram dos processos de leitura e escrita que façam os registros por meio de desenhos.

Os alunos que se sentirem à vontade podem disponibilizar seus registros para compor um livro da turma, que poderá ser dedicado à Carolina Maria de Jesus.

Proposta 3: Marielle Franco

1º momento: Apresentar Marielle Franco.

MARIELLE FRANCO

Figura 4. 6: Foto de Marielle Franco



Fonte: <https://www.caurj.gov.br>

Marielle Franco era uma mulher negra e pobre, que nasceu no complexo da Maré, conjunto de favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro. Muito forte e corajosa, aos 11 anos de idade precisou começar a trabalhar para ajudar seus pais.

No ano de 1998, quando tinha apenas 18 anos de idade, Marielle perdeu sua melhor amiga, vítima de uma bala perdida. Esse fato a deixou muito triste, mas também lhe deu coragem para lutar para que essas coisas parassem de acontecer.

Decidida a ajudar as mulheres e pessoas negras e a lutar pelo respeito às diferenças, Marielle resolveu entrar para política e em 2016 conquistou o cargo de vereadora.

Na câmara dos vereadores Marielle, muito corajosa, sempre falava em defesa das mulheres e contra as injustiças sociais. Mesmo quando tentavam lhe calar.

No ano de 2018, a vereadora teve sua vida interrompida quando atiraram contra ela e o motorista do carro em que estava numa rua no centro da cidade do Rio de Janeiro.

A morte de Marielle Franco entristeceu muitas pessoas que acreditavam e tinham esperança em sua luta, mas sua força e coragem servem de inspiração para muitas pessoas pelo mundo.

Fonte: <https://www.estudopratico.com.br/quem-era-marielle-franco/>

Texto adaptado

✓ Sugestão:

- Após a leitura do texto o professor(a) pode levantar algumas questões com os alunos:

- ✓ Você já tinha ouvido falar sobre Marielle Franco?
- ✓ O que você sabia a respeito da vereadora?
- ✓ Você sabe o que faz um vereador?
- ✓ O que mais lhe chamou atenção na história de Marielle?
- ✓ Você acredita que as causas que Marielle defendia são importantes? Por quê?
- ✓ Que outra mulher negra você conhece na política?

(Espera-se que os alunos não tenham muitas referências de mulheres negras em cargos políticos. É importante utilizar esse momento para falar sobre a necessidade de representatividade da mulher negra nesse campo, ressaltando a história de Marielle.)

2º momento: Solicitar aos alunos que, em grupos, pesquisem sobre outras mulheres negras que, assim como Marielle, assumiram cargos na política. Posteriormente os trabalhos poderão ser apresentados para turma.

A atividade do 2º momento é indicada para os alunos do 3º ao 5º ano.

3º momento: Discutir sobre homenagem concedida à Marielle Franco.

Jardim em homenagem à Marielle Franco, inaugurado em Paris.

Figura 4. 7: Jardim Marielle Franco



Fonte: <https://www.huffpostbrasil.com>

- ✓ Nesse momento o professor (a) pode levar os alunos a compreenderem que as ideias de Marielle Franco não morreram com ela.
- ✓ O professor (a) pode explorar outras homenagens concedidas à Marielle Franco.

Figura 4. 8: Foto livro Mari a sementinha

Fonte: Oliveira, Maíra dos Santos. **Mari, a sementinha**. Belo Horizonte. Editora Nandyala, 2018.

Sinopse: Mari, a sementinha é um livro de literatura infanto-juvenil inspirado na trajetória de Marielle Franco.

4º momento: Leitura do livro “Mari, a sementinha”, uma homenagem da escritora Maíra Oliveira a Marielle Franco.

➤ **Notas sobre a autora**

Figura 4. 9: Maíra dos Santos Oliveira



Maíra dos Santos Oliveira – É educadora, contadora de histórias com foco em Literatura Negra e gerente de laboratório de pesquisa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mari, a sementinha foi sua estreia como escritora no universo da literatura infanto-juvenil.

Fonte: Oliveira, Maíra dos Santos. **Mari, a sementinha**. Belo Horizonte. Editora Nandyala, 2018.

Após a leitura do livro o professor pode discutir com a turma sobre as sementes e seus processos de germinação.

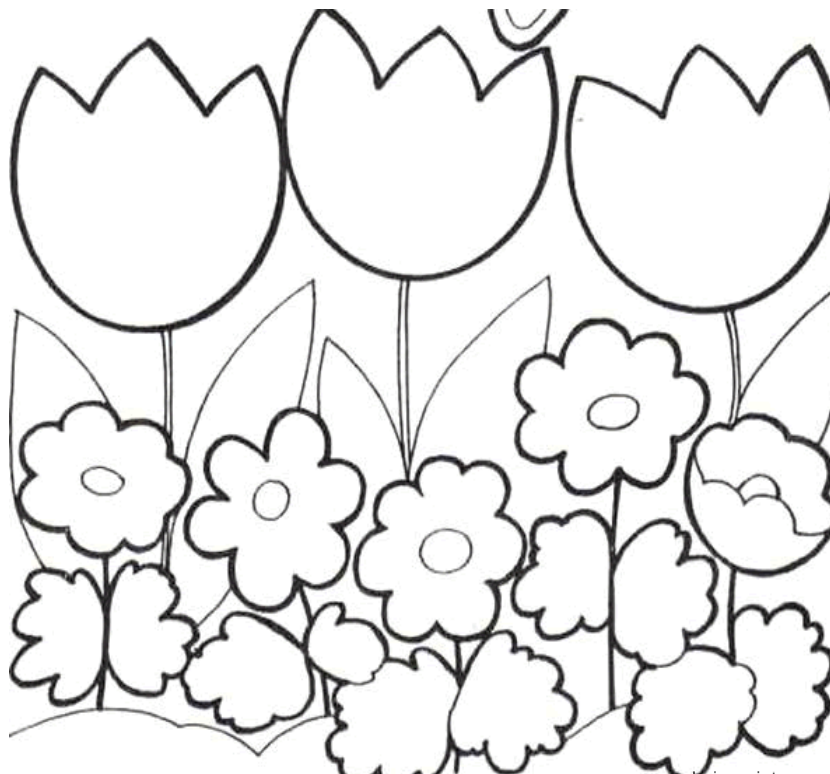
5º momento: Atividade de aproveitamento do livro.

Proposta de atividade

- ✓ Escreva nas flores do jardim abaixo, que frutos você acha que Mari, a sementinha daria.



Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html



6º momento: Pensando na trajetória da vereadora, propor que a turma escreva uma carta em homenagem à Marielle Franco.

UNIDADE 5: Avaliação

Objetivo: Verificar quais os impactos das atividades desenvolvidas, na comunidade escolar.

Proposta 1: Muitas formas de ser negra

1º momento: Fazer um retrospecto das atividades desenvolvidas em sala, discutindo com a turma suas impressões. Nesse momento, o professor pode levantar os seguintes questionamentos:

- Qual era o tema central das atividades desenvolvidas?
- Vocês acreditam que esse tema seja importante? Por quê?
- O que vocês descobriram sobre mulheres negras com as atividades que realizamos?

2º momento: Dividir a turma em grupos para construção de cartazes sobre a mulher negra, referentes a cada uma das unidades trabalhadas. O professor levará os cartazes com os títulos e a partir destes os alunos deverão pesquisar imagens de mulheres que representem aquele título.

✓ Sugestão de títulos para os cartazes:

- Ela parece uma princesa!
- Meu crespo é lindo!
- Morena não, negra!
- Mulheres negras têm história.

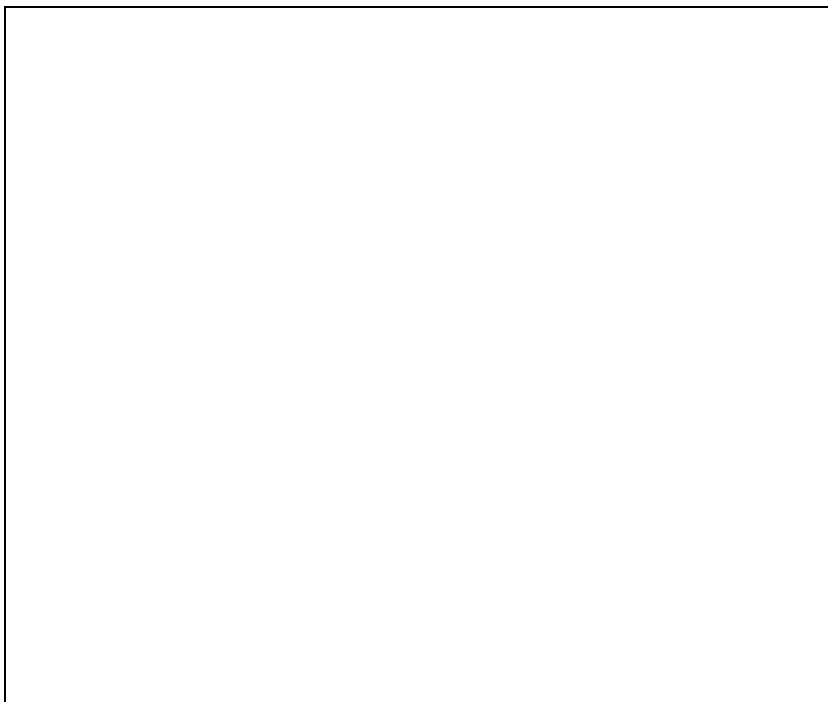
✓ A atividade também pode ser realizada individualmente. Nesse caso, cada aluno deverá receber uma folha de atividade como a sugerida a seguir.

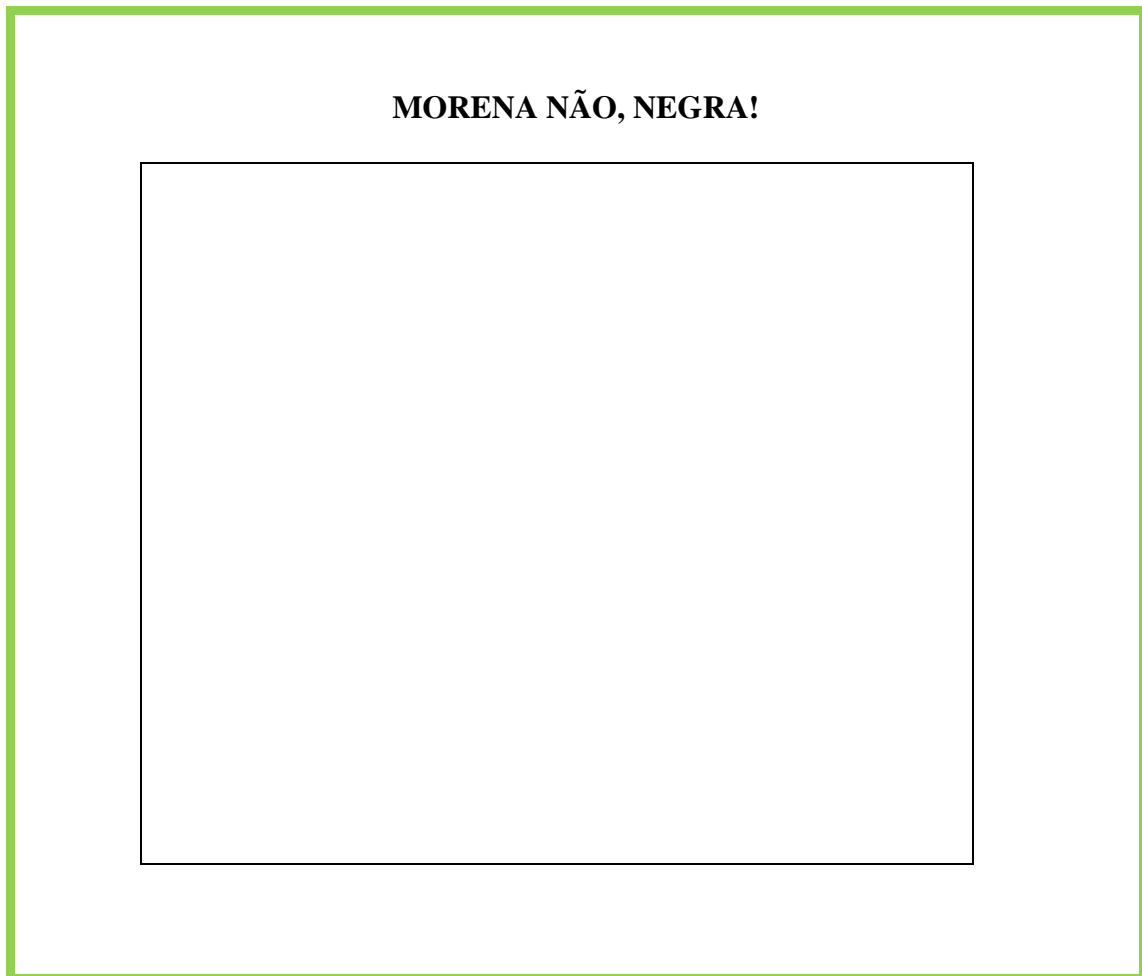
- De acordo com as discussões em sala de aula, pesquise imagens de mulheres que representem as frases abaixo.

ELA PARECE UMA PRINCESA!



MEU CABELO É LINDO!





Proposta 2: Construção de painel com imagens de mulheres negras

Construir um grande painel com imagens de mulheres negras da comunidade. O Painel poderá ser afixado no pátio ou corredores da escola. A ideia é que o painel seja gradativamente preenchido por imagens trazidas por alunos, responsáveis e servidores da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EMICIDA. **Amoras**. 1ª Edição. São Paulo, SP: Companhia das Letrinhas, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2006.

_____. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>. Publicação de dezembro de 2002. Acesso em 27 de maio de 2019.

HOOKS, bell. “Alisando nosso cabelo por bell hooks”. **Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba**. Cuba, p. 1-8, jan./fev. 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/?gclid=CjwKCAjw7LX0BRBiEiwA__gNw-mWxRT0JiwnYD-nDjGFDMSFX9agvy6R7Lwm3M8qSliEdAUrCUEthhoC_yoQAvD_BwE. Acesso em 05 dez. 2018.

_____. **Meu Crespo é de Rainha**. 1ª Edição. São Paulo, SP: Boitatá, 2018.

IPEA. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília-DF, 2003. Disponível em http://saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/profissional-da-saude/grupo-tecnico-de-aco-es-estrategicas-gtae/saude-da-populacao-negra/artigos-e-teses/sistema_classificatorio_racacor_ibge.pdf. Acessado em: 11 fev. 2019.

MOTA, Simone. **Que cabelo é esse, Bela?** 1ª Edição. São Paulo, SP: Editora do Brasil, 2018.

OLIVEIRA, Maíra dos Santos. **Mari a sementinha**. 1ª Edição. Belo Horizonte, MG: Madyalla, 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a13v31n3.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2018.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2017.

ROCHA, Sueli de Oliveira; São outras as nossas princesas. “Revista de informação para agentes de leituras”. **Leituras Compartilhadas: Princesas africanas**. Rio de Janeiro-RJ, v. 9, n. 19, p. 21-24, mar. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/neaa/sites/default/files/ebooks/PRINCESAS%20AFRICANAS%20-%20LIVROS.pdf>. publicação de marco de 2009. Acesso em 05 jun. 2019.

RÚBIA, Sinara. **Alfiá, a princesa guerreira**. 1ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Nia Produções, 2019.

SANTANA, Bianca. **Quem é mulher negra no Brasil? Colorismo e o mito da democracia racial**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/colorismo-e-o-mito-da-democracia-racial/>. Acesso em 05 de abril de 2019. Publicado em maio de 2018.

SANTOS, Roberta Ferreira dos. **A Princesa negra que causou polêmica**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0653-1.pdf>. Acesso em 05 abr. 19.

SANTOS, Shirlene Almeida dos. **Nos traços da mulher: A menina negra na literatura infantil negro-brasileira**. 2016. 248 f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA. 2016.